

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP

***“Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no  
telejornalismo local”***

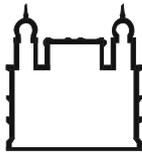
*por*

***Aline Gama de Almeida***

*Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre em  
Ciências na área de Saúde Pública.*

*Orientador: Prof. Dr. Alberto Lopes Najar*

*Rio de Janeiro, maio de 2008.*



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP

*Esta dissertação, intitulada*

***“Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local”***

*apresentada por*

***Aline Gama de Almeida***

*foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:*

Prof. Dr. José Carlos Souza Rodrigues

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kathie Njaine

Prof. Dr. Alberto Lopes Najar – Orientador

*Dissertação defendida e aprovada em 21 de maio de 2008.*

Catálogo na fonte  
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica  
Biblioteca de Saúde Pública

A447m Almeida, Aline Gama de  
Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro  
no telejornalismo local. / Aline Gama de Almeida. Rio de  
Janeiro: s.n., 2008.  
ix, 90 p., il.

Orientador: Najar, Alberto Lopes  
Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Nacional  
de Saúde Pública Sergio Arouca

1. Sociologia. 2. Zonas Urbanas. 3. Distribuição Espacial  
da População. 4. Meios de Comunicação de Massa.  
5. Estratégias. I. Título.

CDD - 22.ed. – 302.23098153

## **Agradeço**

Ao enorme apoio da minha família, pai, mãe e Alê. Obrigada por entenderem minha ausência e todas as minhas emoções nesses dois anos.

As minhas amigas: Bi e Rô, pelo eterno companheirismo, cumplicidade e amor.

Ao professor José Carlos Rodrigues, por estar sempre receptivo às minhas solicitações: conversas, confusões e angústias nesses dez anos que nos conhecemos desde a graduação em jornalismo. Pelo seu olhar atento e sua sabedoria que despertaram em mim o desejo pela vida acadêmica, muito obrigada!

Ao meu interlocutor privilegiado e orientador, professor Alberto Najar: obrigada por acreditar em mim, dividir comigo seu conhecimento, amizade, apoio e motivação.

À profesora Kathie Njaine pela gentileza de ter me recebido para finalizar essa pesquisa.

Aos professores Carlos Otávio Fiúza e Marcos dos Santos Ferreira.

Ao CNPQ pela bolsa sem a qual seria impossível me dedicar ao mestrado.

A todos aqueles que me ajudaram e me incentivaram nesses dois anos: Priscila LoBianco, Beth Donnici, Fabio Peres, Beth Santos, Flávio Souza, Juliana Matta, Carlos Henrique, Léa Siag, Gabriela Oigman, Debora Oigman, Bernadete, José Dias, Renata Dias, os Batalhas, família Miudin, Luciana Fiaux, Levi Moraes, Lucinha e Oswaldo.

Aos cariocas e ao Rio, fonte infinita de inspiração e desejo.

Enfim, ao que significa Deus para mim – o estar aqui e agora.

*A fé não vê a desordem.*  
**Guimarães Rosa**

## **Resumo**

Os estudos socioespaciais, a literatura e a televisão apontam para "*modos de olhar*" a ocupação espacial do Rio de Janeiro e influenciam diretamente nas estratégias políticas, sociais e econômicas da cidade. As construções culturais e históricas que ora enaltecem a 'Cidade Maravilhosa', ora lamentam a 'Cidade Partida' servem de base para entender o olhar sobre a cidade, ao lado dos estudos de Roberto DaMatta e Gilberto Freyre.

No sentido de compreender um pouco mais como esse modo de ver é representado cotidianamente, foram observadas reportagens do RJTV – Segunda edição (TV Globo) e do SBT Rio (do SBT). Mais do que mediadores entre os acontecimentos diários da cidade e os telespectadores cariocas, estes programas reapresentam uma lógica não apenas de mercado das empresas de comunicação, mas principalmente social, política e econômica, assim como as leis, os rituais e as festas.

### **Palavras-chave:**

Representação Social; Sociologia Urbana; Telejornalismo; Rio de Janeiro.

## **Abstract**

The socialspatial studies, the literature and the television show different “*points of view*” about Rio de Janeiro's spatial occupation and it has a direct influence on politic, social and economic strategies of the city. The cultural and historical buildings that sometimes praise the Wonderful City, sometimes regrets the Divided City serve as a base to understand the look over the city beside the studies of Roberto DaMatta and Gilberto Freyre.

In order to understand more about the way these view have been daily represented, the news TV, RJTV - 2nd. edition (TV Globo) and SBT Rio (SBT) were observed. More than mediators between city's daily events and the carioca's TV spectators, those programs show not just a market logic, but certainly a social, politic and economic logic, such as laws, rituals and parties.

### **Keywords:**

Social Representation; Urban Sociology; Television news; Rio de Janeiro.

## SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR.....	11
PREÂMBULO.....	16
PARTE I	
1 - Reapresentações do Rio.....	19
2 - Cidade à parte.....	26
PARTE II	
1 - Deu na Tevê! .....	39
2 - Veja agora!.....	46
3 - (não)favela .....	51
4 - favela .....	55
DIVAGAÇÕES FINAIS	
1 - Direito de imagem.....	62
2 - Considerações finais.....	68
3 - Referências Bibliográficas.....	74
ANEXO	
Tabela de análise.....	81
DVD com 3 Telejornais: 1 SBT Rio e 2 RJTV-2 <sup>a</sup> .....	82
Autorizações de uso de imagem.....	83

## Lista de Ilustrações

<b>Figura</b>	<b>Página</b>	<b>Descrição</b>
<b>1</b>	<b>10</b>	<b>Martírio de São Sebastião, Guignard - FUNARJ</b>
<b>2</b>	<b>19</b>	<b>Foto Coleção Christiano Jr. - MHN</b>
<b>3</b>	<b>22</b>	<b>Foto Coleção Augusto Malta – MHN</b>
<b>4</b>	<b>31</b>	<b>Foto Juan Gutierrez – MHN</b>
<b>5</b>	<b>34</b>	<b>Foto Coleção Augusto Malta - MHN</b>
<b>6</b>	<b>48</b>	<b>Fotos chamadas dos telejornais</b>
<b>7</b>	<b>49</b>	<b>Fotos chamadas dos telejornais</b>
<b>8</b>	<b>50</b>	<b>Fotos chamadas dos telejornais</b>
<b>9</b>	<b>51</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>10</b>	<b>52</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>11</b>	<b>53</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>12</b>	<b>54</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>13</b>	<b>56</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>14</b>	<b>57</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>15</b>	<b>58</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>16</b>	<b>59</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>17</b>	<b>60</b>	<b>Fotos dos telejornais</b>
<b>18</b>	<b>62</b>	<b>Foto Eduardo Dias da Rocha</b>
<b>19</b>	<b>64</b>	<b>Foto Severino Silva</b>
<b>20</b>	<b>70</b>	<b>Foto Marcos Tristão</b>
<b>21</b>	<b>72</b>	<b>Foto Kita Pedrosa</b>



Prezado leitor,

O que você já ouviu falar sobre o Rio de Janeiro? E sobre as pessoas que nessa cidade resolveram morar ou que aqui nasceram?

Ouviu algo parecido com: *'A cidade está cada vez mais violenta'; 'É dia de sol e a praia está lotada'; 'As favelas crescem assustadoramente'; 'Um assalto a carro'; 'Uma amiga encontrou seu ídolo na rua caminhando tranqüilamente'; 'É dia de tempestade e surfistas aproveitam as ondas grandes'; 'Ruas estão debaixo d'água e moradores perdem tudo'; 'Tem samba e tem funk'; 'Uma bala perdida atinge mais uma vítima'; 'O sagrado chope de sexta-feira'; 'A floresta da Tijuca é a maior floresta urbana do mundo'; 'A Rocinha é a maior favela do mundo'; 'Rio 40 graus faz 40 e poucos graus de dezembro a fevereiro'; 'As pessoas estão com medo de sair à rua de noite'; 'Domingo é dia de clássico no Maraca'; 'Cariocas usam branco e fazem mais uma caminhada pela paz'.*

Enfim, quais são as últimas notícias que você viu, leu ou ouviu sobre o Rio?

Independente do quê, como e onde, caro leitor, tudo sobre o Rio de Janeiro, mesmo informações científicas, mesmo aparecendo na TV, faz com que tenhamos uma percepção da cidade. Nos apresentam modos de olhar. São posicionamentos e escolhas que fazem parte do estar, sentir, viver e também pesquisar a cidade.

No entanto, ao prestar atenção nos discursos que se repetem e se apresentam como última novidade, percebe-se que os cariocas têm um jeito de lidar com fontes, que parecem inesgotáveis, de belezas naturais e questões humanas. Convido-o a ter um outro olhar sobre o que você ouviu e viu do Rio de Janeiro, a partir da observação dos telejornais locais.

Não digo a cidade mostrada pela observação do dia-a-dia – o homem a passos largos alcança o ônibus, a senhora ao sol tenta melhorar sua aparência moribunda, o céu azul claro, o gerente que levanta a grade da loja, os prédios brancos e beges, a mochila pesada de uma criança a caminhar inclinada, o trânsito arrasta carros apressados, o bebê que boceja, o adolescente descabelado abre a janela se espreguiçando, a mulher se maquia no retrovisor do carro, dirige e fala ao celular em um sinal fechado, o guardador de vagas corre para estacionar o próximo, a menina que caminha e ouve música, o homem deitado no banco público que se descobre e abre os olhos, o verde e as casas em construção nos morros próximos – mas sim a que se constrói em filmes, músicas, poemas, romances, novelas, trabalhos científicos e, principalmente, a cidade das imagens e dos áudios escolhidos pelos telejornais para nos mostrar o Rio.

São nos trechos de músicas, na lembrança dos filmes, na repetição cotidiana dos telejornais que se percebe um imaginário do Rio de Janeiro de forma dicotômica: poesias naturalistas e tragédias urbanas.

As poesias naturalistas apontam para as curvas das montanhas, do litoral e das mulheres. A beleza do contorno – floresta e mar – que cerca a ocupação do espaço urbano. A simpatia, a hospitalidade e o jeito do carioca aos poucos se mescla entre o medo e a preocupação com as tragédias urbanas: as favelas; a sujeira das ruas, das praias e das florestas; a educação e os hospitais ineficientes; o transporte caótico; a violência em todos os níveis, gêneros e formas.

Musa de inúmeras letras de música, literatura, pinturas, cinema e fotografia, os espaços e o cotidiano do Rio de Janeiro inspiram centenas de trabalhos e obras artísticas. O Leblon das novelas de Manoel Carlos, a Vila Isabel dos sambas de Martinho da Vila, a Ipanema das bossas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, a Copacabana de romances e narrativas policiais.

Em cada um desses locais, respira, se alimenta, brinca, estuda, trabalha, se emociona, dorme, cresce, envelhece, um carioca que é a parte viva de um Rio de Janeiro que pulsa com diferentes ambições, sonhos e realizações, mas que possui algumas coisas em comum com o vizinho próximo e distante da mesma cidade.

A proximidade e a distância, com o surgimento da favela no início do século XX e a permanência como forma de ocupação do espaço urbano até os dias de hoje, ganham atribuições relacionadas ao tipo de moradia que se localiza nesse espaço da cidade. Isto é, faz diferença se você é morador de uma favela.

A favela do Rio não difere da cidade que é mostrada pela observação do dia-a-dia – o homem desce a rua estreita a passos rápidos para alcançar o ônibus, a senhora que abre a janela para deixar entrar o sol, o céu azul claro, a mulher levanta a porta de casa que se transforma em uma pequena venda de quitutes e guloseimas, as casas em cima de casas de tijolos e cimentos, a mochila pesada de uma criança a caminhar inclinada, o fluxo de pessoas arrastadas pelo horário de trabalho, o bebê entregue aos cuidados diurnos da vizinha, o adolescente descabelado abre a janela se espreguiçando, a mulher se maquia no espelho na porta de casa, fala com o marido e beija o filho na testa, as motos e Kombis adentram ruas e vielas, a estudante caminha e conversa com amigas, o homem jovem deitado na calçada da birosca abre os olhos, o verde e os prédios brancos e beges – mas sim a favela que se constrói no cinema, nos sambas, funks e hip-hop; livros, pesquisas científicas e, principalmente, as escolhidas pelos telejornais para nos apontar questões da cidade.

Mais do que os outros espaços da cidade, a favela, que foi e é objeto de preocupação, também foi e é inspiração para músicas, filmes e livros. A favela do programa Central da Periferia<sup>i</sup>, de Regina Casé e Hermano Viana; a Mangueira, a Portela e a Beija-Flor dos sambas da Sapucaí; a favela de Orfeus da Conceição e do Carnaval, do livro de Vinícius de Moraes, dos filmes de Marcel Camus e Cacá Diegues; a Cidade de Deus do livro de Paulo Lins, do filme de Fernando Meirelles e dos raps de MV Bill.

Entretanto, vale notar que a etimologia da palavra favela em nada especifica o morar ou habitar. É nome de arbusto ou árvore da família das euforbiáceas, típica do Brasil. Segundo o dicionário Houaiss, o sentido de 'habitação popular' surge após a campanha de Canudos, quando os soldados ficaram instalados num morro chamado Favella, por ali existir grande quantidade da planta. Ao voltarem ao Rio de Janeiro, pediram licença ao Ministério da Guerra para se estabelecerem com suas famílias no alto do morro da Providência, em 1897, e passaram a chamá-lo morro da Favella, transferindo o nome do morro de Canudos, por lembrança ou semelhança que aqui encontraram. O mesmo dicionário descreve que a etimologia da palavra carioca vem do tupi – kara'íwa 'homem branco' + 'oka' casa'. O termo carioca aparece em outros locais da topografia brasileira permitindo pensar que o étimo, em vez de estar ligado ao significado proposto 'casa do homem branco', seja contexto de 'água, fonte, córrego, rio'.

Há ainda registro de um branco que construiu uma casa de pedra e cal, então novidade para os índios, perto da foz de um rio chamado Carioca, que ainda hoje desemboca na baía de Guanabara na praia do Flamengo, e que as águas deste rio vieram a abastecer a cidade do Rio de Janeiro, cujos moradores foram apelidados de cariocas.

No entanto, o nome favela se generalizou no Rio de Janeiro para todo conjunto de habitações populares, que foi ganhando, com o passar do tempo, uma série de qualificações relativas ao tipo de moradores e de moradias. A ressalva necessária é que também ali se encontram cariocas.

Como veremos ao longo do texto, a favela é apresentada como um espaço 'à parte da cidade'. Algo determinado pelo espaço ou pelo olhar daqueles que observam, divide habitantes cariocas entre 'de favelas' e 'de (não)favelas'<sup>iii</sup>. Tal divisão, por conseguinte, recebe outras atribuições. Entre as principais estão: a pobreza, a violência e a desordem, teoricamente maior e mais presente em favelas do que em seu oposto. Ou seja, a ocupação do espaço urbano é interpretada de forma dicotômica e sem mediações por aqueles que querem observar a cidade dividida e sugerem uma relação de classes e problemas sociais com a escolha do local da cidade<sup>iii</sup>.

Essa dicotomia, que relaciona a classe social ou questões sociais ao espaço urbano, é uma das formas de percepção da divisão social. No Rio de Janeiro, isso acaba representando a distância entre moradores, como se não houvesse diversidade no local de moradia relacionada não só a questões econômicas, mas também a proximidade de local de trabalho, laços sociais e diversão. Tal percepção que parte a cidade em duas não é a única e muito menos é ausente de valores econômicos, sociais e culturais.

No sentido de tentar entender tal divisão e denominações, fui observar como dois, dos cinco telejornais locais, representam em texto e imagens os espaços da cidade do Rio de Janeiro. A diferença entre o telejornalismo e os documentários, canções, telenovelas, estudos científicos, jornais, revistas e rádios é que, além da apresentação familiar, da clareza das imagens, da simplicidade do quadro e da inteligibilidade, se atribui aos telejornais um caráter utilitário de mediação entre acontecimento diário e atual e o telespectador, aproximando-o de um recorte do conjunto da cidade.

O telejornal apresenta uma versão ao carioca de como foi o dia da cidade. Sugere que os acontecimentos mais importantes do dia (ou até o momento da transmissão) estão ali na tela diante do telespectador. Tudo seguindo uma lógica, não apenas como um programa de uma empresa de comunicação, que visa o lucro e a compreensão do conteúdo pela audiência, mas também uma lógica em que os telejornais reapresentam as regras e as normas sociais e econômicas.

A observação dos telejornais vai se relacionar com os estudos sobre a cultura e os costumes brasileiros de Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, que interpretaram como se articulam os espaços e os papéis sociais e quais são as normas para cada um deles. Através de análises de registros históricos e do cotidiano, os autores apresentam os valores e sentidos das falas e das interações sociais presentes entre nós.

Os dois autores vão possibilitar repensar o significado dos áudios e imagens mostrados pelos telejornais que mostram a representação da cidade do Rio de Janeiro e a divisão social entre favela e (não)favela. Tais áudios e imagens, que parecem ser específicos do momento atual da cidade, têm semelhança e proximidade com o nosso passado, uma vez que fazem parte da construção de uma lógica social e cultural.

As leituras de DaMatta e Freyre sobre a formação cultural e social do Brasil possibilitaram um aprofundamento do que se apresenta diariamente na televisão. Os universos de interpretação damattiano e freyreano vão muito além do uso feito na observação dos telejornais, no entanto, são considerados aqui pontos de partida para pensar a divisão do espaço social.

Na primeira parte, apresento as construções sociais da cidade do Rio de Janeiro, relacionando com questões da formação brasileira e da história da cidade. Aprofundando a discussão sobre a questão das favelas, tento distinguir a linha tênue que divide o Rio de Janeiro entre favelas e (não)favelas.

Na segunda parte, entrelaço a primeira parte e a observação dos telejornais, expondo quais foram as opções metodológicas tomadas para coleta e análise do material. As diferentes possibilidades de análise dos telejornais, a importância da televisão no Brasil, as características dos telejornais locais, relacionados à audiência e aos diferentes horários e perfis de público.

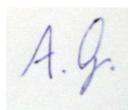
Apresento a representação espacial do Rio de Janeiro, dos locais considerados favelas e daqueles considerados (não)favelas, a partir do material recolhido das edições dos telejornais SBT Rio e do RJTV–Segunda edição gravados em fevereiro e março de 2007, aproximando-os dos estudos da formação social e cultural.

Na terceira e última parte, trato da representação da favela não mais mediada, não mais transformada nos números, nas palavras e nas imagens assépticas e indolores dos telejornais e dos dados estatísticos. Apresento como alguns trabalhos que são assinados por pessoas que vieram das favelas, chegam à tela de cinemas, às livrarias e à universidade e mostram um outro universo. Faço, então, as considerações finais da pesquisa e trago questões para futuras investigações.

Ao longo do texto, apresento imagens que remetem às questões da pesquisa e reforçam nossas representações sociais. As fotografias da parte II são imagens congeladas e fotografadas por mim dos telejornais. Diante de um universo de centenas de milhares de imagens (fotografias, gravuras, pinturas e esculturas) é possível perceber uma permanência em nosso imaginário dos espaços e dos papéis sociais.

Espero que você, leitor, aprecie o texto. Converse sobre ele com os amigos em uma mesa de bar tomando cerveja. Faça piada e fale mal, mas também conte sobre os pontos positivos. Dê risadas de nervoso e me critique para que eu continue a investigar.

Um abraço,



Rio de Janeiro, 30 de março de 2008.

---

<sup>i</sup> O programa apresenta favelas e periferias não só do Rio de Janeiro, mas do Brasil e do mundo.

<sup>ii</sup> A justificativa para o uso em todo o texto do termo (não)favela, em vez de ‘asfalto’ ou ‘cidade formal’ ou ‘não-favela’ está no capítulo 3 da segunda parte.

<sup>iii</sup> No capítulo 1 e 2 da primeira parte, apresento alguns trabalhos que se referem à divisão do espaço do Rio de Janeiro entre favela e (não)favela.

## Preâmbulo

A noção de representação social dialoga com inúmeras teorias e conceitos de outras disciplinas. O dicionário citado anteriormente, o Houaiss<sup>1</sup>, apresenta exatamente vinte sub-definições da palavra ‘representação’ nos mais diversos campos do conhecimento. Para o texto que segue, vale a terceira: “*idéia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa*”.

A representação social é inerente às questões sobre a concepção e aos usos do espaço urbano e sua reapresentação no telejornalismo local do Rio de Janeiro, pois a conformação do espaço urbano e suas representações em imagens e texto são construções sociais. O telejornalismo apresenta tais construções como parte do conjunto dos meios de comunicação brasileiros.

A imagem diária dos telejornais – o enquadramento e a proximidade com um acontecimento – conquista credibilidade, pois mostra uma construção legitimada pela sociedade. Assim, pode se supor que a cobertura televisiva supre a expectativa de telespectadores a partir da estruturação das imagens e dos textos orientados pelas convenções jornalísticas de objetividade e imparcialidade, como sugere Gomes<sup>2</sup>.

A variedade de imagens é uma construção do telejornal sobre o acontecimento e a narrativa falada é uma informação complementar que não deve comprometer o status da narrativa visual como informação, reafirmando as convenções do jornalismo. Porém, “*qualquer que seja sua justificação econômica ou organizacional, a convenção resulta numa estrutura de mensagem que é relativamente aberta a um leque de interpretações*”, afirma Jensen<sup>2</sup> apud Gomes<sup>2</sup>.

A concepção da função institucional do telejornalismo de tornar a informação publicamente disponível através das várias empresas de comunicação é da ordem da cultura estabelecida por sociedades específicas. Assim, a notícia é aqui percebida não como uma apresentação “*fiel*” da realidade, mas uma representação possível de um acontecimento.

Nesse sentido, a representação é definida por França<sup>4</sup> como “*sinônimo de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de idéias desenvolvidas por uma sociedade*” (p.14).

Historicamente, a representação foi primeiramente empregada como conceito por Durkheim<sup>5</sup>, para diferenciar as representações individuais e coletivas. As representações coletivas possuem uma existência concreta, uma materialidade manifestada no comportamento dos membros de uma sociedade, por meio da

socialização e internalização de valores, e também na estrutura jurídica e organizacional de uma formação social. As representações coletivas dariam sustentação a uma moral específica, eliminando a contradição entre o individual e o coletivo, mantendo a ordem e o equilíbrio social.

Apesar de estar condicionada aos estudos da ação social ou da sociedade durante os primeiros estudos sociológicos, Junqueira<sup>6</sup> mostra que a noção começa nas últimas décadas a ser usada a partir da necessidade de explicar a crescente importância da dimensão cultural nos fenômenos sociais de toda ordem. A cultura, a economia e a política passam a ser as principais dimensões consideradas para avaliar a sociedade.

As representações possibilitam a comunicação ao se manifestarem através de imagens, conceitos, categorias e teorias. Spink<sup>7</sup> apresenta esquemas transdisciplinares da noção e acrescenta a ampliação do modo de considerar o senso comum não mais como cidadão de segunda classe, mas como conhecimento válido e legítimo dentro da teia de significados capaz de influenciar efetivamente os acontecimentos.

Seguindo a proposta de Soares<sup>8</sup>, as obras literárias servem aqui de instrumento para elaboração de categorias de análise dos telejornais. Os pré-requisitos para o uso da literatura são, em primeira instância, a aproximação com a temática do modo de ocupação do espaço, de olhar a cidade e a relevância histórica no meio literário, social e científico.

As representações sociais organizam as relações do indivíduo com o mundo e orientam as condutas no meio social, permitindo a interiorização de experiências, práticas sociais e modelos de comportamento. A importância do estudo das representações sociais está no fato de que elas fundamentam as práticas e as atitudes das pessoas, umas em relação às outras e, por conseguinte, todo o contexto social.

É o sentido dinâmico de construção social do espaço da cidade que o texto segue. A ocupação urbana do Rio de Janeiro e a invenção da favela como espaço à parte é pensada enquanto fenômeno social que tem um desenrolar na história da sociedade carioca que atravessa o século XX.

Cada inspiração, texto, análise e observação parece contribuir para uma realidade que não pode ser separada de sua representação. Assim, o texto se baseia – com alguma lógica – em textos históricos e literários, em análises sociais e antropológicas e em inspirações cotidianas, limitado, pela falta de alguns materiais de imagem e som dos arquivos públicos e de organização por categorias dos arquivos da mídia impressa.

**I**

## Reapresentações do Rio

A vida da cidade é contínua entre bairros e favelas, assim como entre bairros. Pessoas transitam entre os espaços da cidade movidas por relações de parentesco, de trabalho, de amizade, de afeto ou pelo simples desejo de conhecer, como no caso dos turistas. Contraditoriamente, diante da televisão, as câmeras da TV ou fotográficas mostram as favelas, mais do que outros locais, como o lugar do perigo por excelência, e a cidade através de um emaranhado de problemas na Saúde, na Educação, na Política e na Segurança.

Não que isso seja uma novidade, pois a percepção da favela enquanto problema da cidade não é recente. O que concebemos e percebemos por favela é uma construção que vai se ancorando em representações históricas já existentes: o lugar do trabalhador, do negro e mulato, do pobre.



Coleção Christiano Jr.– Cartes de visite. Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional - Brasil.

Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*<sup>9</sup> indica que “*todo o serviço é feito por negros e mouros cativos*” (p.263), que o tratamento do colonizador com as raças ditas inferiores é o menos cruel em comparação a outros colonizadores. E que, assim, índios e negros desempenharam, ao lado do português, uma função civilizadora. Dessa forma, todo brasileiro, mesmo alvo, de cabelo loiro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra ou pelo menos a pinta do indígena ou do negro. “*Na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida*”(p.307).

Em *Sobrados e Mucambos*, Freyre<sup>10</sup> mostra a vida incipiente nas cidades brasileiras que ainda não seguiam, no século XVIII, o padrão das cidades modernas. Os relatos falam de roubos de negros, dos focos de revoluções democráticas e liberais, da

cidade ainda quase sem povo, “*só com uma onda movediça de plebe ou canalha da rua*” (p.53). Conta que as moças e senhoras só iam às ruas acompanhadas pelos homens da casa diante do perigo de serem furtadas ou violentadas pela plebe.

O comércio, os bancos e os sobrados são as construções que ocupam as primeiras cidades brasileiras do início do século XIX, e crescem em oposição ao modo de vida rural, as casas grandes e as senzalas. Nas cidades, no entanto, há uma continuidade do estilo de vida e de divisão social. Ambas (casa grande e senzala) diminuem de tamanho, tornando-se casa nobre e ‘*quarto para criado*’. “*Enquanto as senzalas diminuía de tamanho, engrossavam as aldeias de mucambos e de palhoças, pertos dos sobrados e das chácaras*”<sup>10</sup>(p. 153).

Os habitantes das cidades podiam ser divididos em várias classes. “*Os filhos do reino*” (p.632) – os portugueses – era a classe vista como a mais poderosa. Em seguida, os descendentes de europeus estabelecidos no Brasil, depois os brasileiros natos e os brancos da terra. “*Aos brancos da terra seguiam-se os mulatos e mestiços*” (p.632). Estes sendo mistura de europeu com negra: os mulatos de primeira filiação e os mestiços de segunda<sup>10</sup>.

Essas classes eram encontradas em várias sub-regiões do país, onde “*ao lado do sistema patriarcal, agrário ou mesmo pastoril, inteiramente rural ou misto de rural e urbano, desenvolvera-se, às vezes quase como outro sistema, e sistema rival do dominante, a miscigenação*”<sup>10</sup>(p.632).

Essas representações dos espaços e dos papéis sociais e culturais passam de geração em geração através da música, literatura, cinema, televisão, histórias de vida e relações pessoais. A configuração do espaço e das relações, com o passar do tempo, ganha complexidade, mas é possível perceber algumas permanências. Os lugares da casa e da rua são vistos por DaMatta<sup>11,12,13</sup> como categorias sociológicas. Vão além de meros espaços físicos e dão significados às interações pessoais e à relação com o espaço público e com as leis.

A casa significa a calma, a tranquilidade, o lar, a morada, o pertencimento a uma família, pessoas com a mesma substância. Os empregados domésticos fazem o que é condenado em casa pela formação cultural: trabalham. Nela há maior controle das relações sociais e menor distância social.

A rua, por outro lado, é o local do movimento, da maldade e da insegurança – a floresta, o mundo natural semi-controlado e povoado de personagens perigosos. Lugar desordenado, confuso, competitivo, onde o ato de se alimentar não é considerado

saudável, ‘comida de rua é ruim’, e também é local do indivíduo e do trabalho, que nesse sistema de valores é concebido como um castigo<sup>11,13</sup>.

Para o brasileiro interagir nesse conjunto de significados, DaMatta pensa no ‘jeitinho’, como um modo e um estilo de realizar ações. Uma junção da lei com a pessoa que a utiliza. A malandragem como uma possibilidade de proceder socialmente. Isso traduz, em certos aspectos, uma esperança de juntar a rua à casa, de transformar o indivíduo em pessoa, numa totalidade harmoniosa e concreta. A razão de existir como valor social<sup>11</sup>.

Nesse sentido, as representações dos espaços da cidade e as interações com o espaço público são reproduzidas a cada novo relato. Elaborado pela sociedade, os relatos recebem atribuições que surgiram, não do nada, por simples inspiração, mas de um passado social, econômico e cultural.

Alguns descrevem a exuberância da natureza em terras brasileiras, presente desde a carta de Pero Vaz de Caminha. As belas paisagens, a temperatura amena e o céu sereno. O solo generoso, sob constante primavera, os homens e mulheres que seminus o habitavam. Todas essas descrições aparecem em inúmeros relatos históricos. O prenúncio de que em terras brasileiras está o paraíso terrestre. Os modelos edênicos que se mantêm até o momento atual são provenientes da literatura e da historiografia que vieram desde a colonização, como mostram DaMatta<sup>14</sup>, Holanda<sup>15</sup>, Carvalho<sup>16</sup> e Freyre<sup>9</sup>.

Perante as construções de um imaginário ora atrelado a conformação humana, social e cultural, ora a benemerência local dada pela paisagem e pela natureza, os epítetos da cidade do Rio de Janeiro, por conseguinte, remetem a essas construções. A ‘Cidade Maravilhosa’ e a ‘Cidade Partida’ são apelidos cunhados ao longo do século XX quando a cidade passa pelo processo de modernização e inserção do modo de produção capitalista, que se mantêm através de mudanças sociais, econômicas e tecnológicas.

A origem da expressão ‘Cidade Maravilhosa’ tem dupla autoria, mas é possível pensar que tenha surgido nas representações daqueles que a habitavam e a visitavam. As conversas vindas do edenismo, trazidas pela colonização, a respeito das belezas naturais – as praias, as lagoas, as montanhas, a temperatura amena e as florestas – que escritores do início do século XX usaram para a descrever a cidade na literatura e em letras de música tornaram o epíteto oficial.

Historicamente, a cidade acaba de ser reconstruída pela grande primeira reforma urbana, assinada pelo prefeito Pereira Passos na primeira década do século XX. A

Reforma abre os tempos eufóricos de uma Belle Époque à moda brasileira, modernizando e inserindo a cidade no comércio internacional. Criar a cidade: novo urbanismo, nova paisagem, novas aspirações e inspirações, por conseguinte, reinventa sua nomeação, fixando imagens reais e imaginárias. Essas passam a determinar os sentidos que vão orientar as futuras intervenções no Rio de Janeiro. O termo ‘Cidade Maravilhosa’ foi usado, segundo Carvalho<sup>17</sup> e Gomes<sup>18</sup>, primeiramente pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès que visitava a cidade.

O livro “*La Ville Merveilleuse*”<sup>19</sup> reúne uma série de poesias sobre a estadia da poetisa durante novembro de 1911. A série obedece uma ordem que vai desde a sua chegada “*Arrive dans La Baie de Guanabara*”, passando por “*Salut*”, depois menciona os passeios a beira-mar, a beleza das árvores, flores e orquídeas; a noite, “*La Bibliotheque*”, até a sua despedida da cidade “*Adieu*”. Todas exaltam a cidade esplendorosa, a beleza das paisagens da natureza, a luz do céu azul claro, o ar fresco e os momentos de contemplação vividos por Jeanne Catulle Mendès.



Av. Beira-Mar, Botafogo, 1906. Col. Augusto Malta.  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional.

Já no Dicionário de Curiosidades do Rio de Janeiro<sup>20</sup> e em conversa com historiador Milton Teixeira<sup>iv</sup>, o sinônimo de Rio de Janeiro, que virou título de marcha de carnaval e hino oficial da cidade, foi criado pelo escritor maranhense Coelho Neto quando publicou seu “*artigo 'Os sertanejos', na página 03, do jornal 'A Notícia', edição de 29.11.1908*” (p. 76).

Coelho Neto<sup>21</sup> também publicou um livro chamado “*Cidade Maravilhosa*” que teve sua primeira tiragem em 1928. O livro reúne uma série de crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro. A crônica que o intitula conta a história de uma professora interiorana que é convidada por um desconhecido para conhecer o Rio e lá morar com

ele. Na "*Cidade Maravilhosa! Cidade sonho, cidade do amor*" (p.17) eles seriam felizes. O desconhecido enaltece a cidade que é vista de longe, do local onde a professora morava e ele foi para pintar.

A expressão também dá nome ao programa de rádio "*Crônicas da Cidade Maravilhosa*" de Cesar Ladeira, veiculado na Rádio Mayrink Veiga<sup>v</sup>. No carnaval de 1935, a irmã de Carmem Miranda, Aurora Miranda, e André Filho gravam a música "*Cidade Maravilhosa*". De acordo com Costa<sup>22</sup>, André filho compõe a música em 1934 e a inscreve para o concurso de marchinhas de carnaval de 1935. A música, cantada por Aurora Miranda, fica em segundo lugar. A marcha vitoriosa foi "*Coração Ingrato*", de Nássara e Frazão, na voz de Silvio Caldas.

No entanto, em pouco tempo é a música "*Cidade Maravilhosa*" que se torna a canção dos cariocas, tocada em momentos de alegria ou entusiasmo cívico. A expressão passa a ser cantarolada como parte da letra da música de André Sá Filho, que exalta os "*encantos mil*" da cidade, como o "*berço do samba e das lindas canções*" e o "*jardim florido de amor e saudade*". O marco de sua melodia é a primeira estrofe: "*Cidade maravilhosa/ Cheia de encantos mil/ Cidade maravilhosa/ Coração do meu Brasil*".

O vereador Salles Neto aprovou no dia 25 de maio de 1960 na Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro "*a Lei no. 5 que determina 'ficar adotada como marcha oficial desta cidade do Rio de Janeiro, respeitando os respectivos direitos autorais, ex vi da legislação anterior, a marcha "Cidade Maravilhosa", de autoria do compositor André Filho*"<sup>22</sup>. No mesmo ano, o Rio de Janeiro deixa de ser a capital federal, função exercida desde 1763, que é transferida para Brasília.

A '*Cidade Maravilhosa*' imortalizada na canção de André Filho nos remete, ao motivo edênico e as maravilhas que marcam o imaginário da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, a beleza dos trópicos tem em seu oposto os problemas humanos que também nos acompanham nos relatos de visitantes e colonizadores, nas crônicas e notícias dos jornais, na música e na literatura. Há uma contraposição entre a exuberância de florestas e a ausência de civilidade da população nativa, fora dos padrões europeus.

O surgimento da favela como modo de habitar o espaço da cidade viabiliza a construção de uma divisão da cidade do Rio de Janeiro em duas. Alguns olhares percebem a '*Cidade Partida*', que décadas depois vai se transformar em um outro epíteto. A visão da cidade favela e da cidade (não)favela representa e rerepresenta maneiras de perceber e manter a ordem social estabelecida.

O epíteto que aparece de vez para diagnosticar a divisão social do Rio de Janeiro como o problema da cidade também vem de representações antigas. As crônicas de Olavo Bilac do início do século XX já tratavam a favela como uma “*cidade à parte*”<sup>23</sup>. Benjamim Costallat descrevia que “*a Favela é uma cidade dentro da cidade*”<sup>24</sup>.

É na década de 1990 que a mídia se apropria com mais ênfase da alcunha ‘Cidade Partida’, que cai como uma luva para expressar supostas diferenças, espaciais, sociais e econômicas do Rio de Janeiro. O morador da favela se vê mais próximo da categoria de bandido, principalmente aqueles que moram em locais com mais ocorrências de criminalidade. O aumento da violência em toda a cidade marca a vida do carioca de favela e (não)favela.

A mídia divulga as imagens de arrastões na praia que são associados a freqüentadores de bailes funk das favelas do Rio – uma imagem – e, por conseguinte, se associam a todo e qualquer favelado. Os 11 adolescentes mortos na favela de Acari em 26 de julho de 1990, mais uma imagem. A morte de 21 pessoas na favela de Vigário Geral em 29 de agosto de 1993, outra imagem.

O crescimento da criminalidade é relacionado ao comércio ilegal de maconha e cocaína. A favela, que serve de esconderijo para traficantes, drogas e armas, é o ponto de venda de um comércio que não se restringe a seu espaço. Com a ECO-92<sup>vi</sup>, vemos na televisão, nos jornais e caminhando pela cidade homens do Exército apontando suas armas para as favelas. O inimigo, como em uma guerra, tem seu território: a favela.

A construção da imagem do Rio de Janeiro como a ‘Cidade Partida’ se apresenta em trabalhos de sociologia, de antropologia, de urbanismo, etc, que discutem questões da cidade. Entre os que fazem uso do epíteto do Rio, alguns servem de referência a esse texto como Cardoso<sup>26</sup>, Leite<sup>27</sup>, Najjar<sup>28,29</sup>, Preteceille<sup>30</sup>, Ribeiro<sup>31,32</sup>, Valladares<sup>33</sup>, Velho<sup>34</sup> e Zaluar<sup>23,35</sup>.

Apesar do uso que se inspira em conversas cotidianas e na mídia, ‘Cidade Partida’ não é conceito ou noção de nenhuma disciplina, mas é pensada para se estudar as desigualdades sociais, a violência, as enfermidades, a infra-estrutura e a divisão espacial do Rio de Janeiro entre favela e (não)favela. Alguns trabalhos apontam para os problemas do Rio na favela, outros mostram que esta é um espaço contínuo à cidade.

O sim, ou o não, da ‘Cidade Partida’ depende de escalas orientadas por interesses, sentimentos e intenções do olhar, pois perceber é também conceber. Isto, entretanto, tem como consequência a manutenção histórica de uma ordem econômica e social. Escolhe-se a favela, e conseqüentemente, os favelados são parte da cidade e como eles podem ou devem ser percebidos como tal, pela religião, cor da pele, renda,

anos de estudos e tipo de trabalho. A questão não está na ‘Cidade Partida’, mas na atribuição de nomes e na demarcação territorial que aponta onde está, ou não está, a diferença. Não é o epíteto, mas sim o que ele divide e denomina como favela. A nomeação, como mostra a Sociologia, serve para demarcar, individualizar, agregar ou segregar.

O termo ‘Cidade Partida’ também é título do livro–reportagem do jornalista Zuenir Ventura<sup>36</sup>. O livro relata a estadia de dez meses do jornalista em Vigário Geral, que acabara de passar pela chacina de 21 pessoas e foi amplamente noticiada. Os moradores do asfalto, artistas plásticos, antropólogos, sociólogos e ele, jornalista, adentram a favela e ao lado de moradores que não são nem bandidos, nem criminosos, nem traficantes, criam o movimento “*Viva Rio*”. A necessidade de justiça e de recuperação da auto–estima perdida na chacina une pessoas, apesar de morarem em locais diferentes e de, segundo Ventura, serem de partes diferentes da cidade<sup>36</sup>.

Na leitura, percebe–se que o diálogo entre as partes contradiz o título dado ao livro. A sugestão de que a “*Cidade Partida*”, de Zuenir Ventura, descreve uma situação de guerrilha urbana, que divide os moradores da favela e do asfalto, os pobres e os ricos, os bandidos contra a sociedade, vem de uma leitura rápida e descuidada. No entanto, ao chamar atenção para a questão do tráfico na favela, a expressão vira apelido corriqueiro nos mais diversos setores da sociedade e reverbera em artigos científicos, nas mesas de bar e na mídia até os dias atuais.

---

<sup>iv</sup> Entrei em contato com o historiador Milton Teixeira por e–mail que me informou: “*Sempre pensei que fosse da crônica do Coelho Neto. Aliás, tive há alguns anos a oportunidade de conversar com a neta do Coelho Neto, Carmem Coelho, que me colocou isso. Atenciosamente. Milton M. Teixeira*”.

<sup>v</sup> O Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro me informou por telefone que a rádio não possui seus programas registrados em lugar algum, pois estes foram destruídos.

<sup>vi</sup> A ECO-92, também conhecida como Cúpula da Terra, é a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, que foi realizada de 3 a 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. A Conferência reuniu 108 chefes de Estado que buscaram soluções de preservação dos recursos naturais. Como medida de segurança, a prefeitura de então solicitou a ajuda das Forças Armadas para patrulharem a cidade.

## Cidade à parte

Apontar as favelas e as moradias populares como locais à parte da cidade parece retornar na década de 1990. Grandes metrópoles contemporâneas passam por questões semelhantes relacionadas ao aumento da pobreza e da violência, que têm como principais fatores: as novas relações de trabalho com um número menor de mão-de-obra formal com carteira assinada, um grande número de trabalhadores informais e também o aumento do consumo de drogas e a internacionalização do tráfico, que tem como rota comercial as grandes metrópoles mundiais.

No Rio de Janeiro, desde a década de 1970, análises mostram que a ocupação do espaço urbano é uma produção das interações humanas influenciadas por valores sociais que são negociados pelos indivíduos. As diferentes ocupações muitas vezes mostram uma realidade complexa de proximidade espacial e distância social, como a apresentada por Velho<sup>37</sup> no estudo sobre um edifício de Copacabana, no qual pessoas de diferentes níveis de renda e origens dividem o mesmo espaço de moradia.

Os discursos dualistas sobre a cidade que pontuam a favela como local da criminalidade, da pobreza, marco da exclusão e marginalização mais do que criticados são desconstruídos. Nos anos de 1970, pesquisas sobre renda e redes sociais começam a mostrar novas maneiras de perceber a vida na favela. O primeiro a apontar para tal percepção é Luis Antônio Machado da Silva, em “*A Vida Política na Favela*”<sup>39</sup>. Perlman<sup>38</sup> também decompõe o mito da marginalidade: a favela é organizada e articulada internamente, seus residentes são amigos, possuem espírito cooperativo e não estão envolvidos diretamente na criminalidade, são adaptados e usufruem do espaço da cidade. Outros estudos sobre os aspectos particulares das favelas confirmam que não se trata de uma ocupação ‘à parte da cidade’, mas talvez uma escolha de alguns trabalhadores de baixa renda, como mostram Velho<sup>40</sup>, Valladares<sup>41</sup> e Vetter<sup>42</sup>.

Há também um crescimento populacional da periferia urbana, que é decorrente de uma série de processos interativos e aliados à possibilidade de financiamento e ao uso e comercialização do solo, percebido por Lima<sup>43</sup>, Valladares<sup>41,44</sup> e Vetter<sup>42</sup>. A questão da habitação popular se estende à periferia e os trabalhos sobre o Rio de Janeiro observam que a cidade passa a ser um modelo para outras cidades do país. Estudos sobre o modelo metropolitano, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), mostram que o Rio possui uma estrutura descrita por um núcleo metropolitano forte e hipertrofiado,

concentrador de serviços e de recursos econômicos, articula-se com a periferia de forma concêntrica com recursos e integração decrescentes em relação ao núcleo<sup>28,42</sup>.

O crescimento da cidade apresenta uma nova categoria social que é a de morador da periferia, que passa a ser conhecido como o pobre urbano. Os estudos realizados pelo IPLANRIO mostram a presença de 376 favelas e 427 loteamentos irregulares em 1980, dos quais 60% apareceram na década de 1960 e 1970. Paralelamente, percebe-se uma diminuição da taxa de crescimento da população favelada: 97,9% em 1960, 68,7% em 1970 e a 27,8% em 1980<sup>42</sup>.

Nesse sentido, os estudos da década de 1980 sobre as desigualdades sociais e a segregação sócioespacial no Rio de Janeiro apresentam uma nova concepção de modelo espacial da cidade. As polaridades centro-periferia, cidade e favela são testadas não só pela interação social entre os espaços, mas em outras escalas, como a de renda, escolaridade e profissão.

A análise de Vetter<sup>42</sup> sobre os rendimentos mensais e a segregação residencial da população economicamente ativa observa uma tendência à segregação que não pode ser descrita pela oposição núcleo-periferia. É um processo de causação circular, onde a apropriação dos benefícios gerados pelas ações do Estado é de máxima importância, ou seja, a distribuição espacial dos investimentos do Estado em equipamentos públicos e infra-estrutura incide sobre o valor do solo. Nota, ainda, que a segregação existe tanto na periferia quanto no núcleo e até mesmo dentro de um único bairro. Sugere que a estrutura urbana do Rio de Janeiro seja pensada em termos de núcleos e periferias, pois a estrutura interna da cidade é variada.

No entanto, no início da década de 1990, o morador da favela se vê mais próximo da categoria de bandido, principalmente aqueles que moram em locais com maiores índices de criminalidade. O aumento da violência em toda a cidade e a divulgação de imagens pela televisão, jornais e revistas contribuíram para o reforço do estigma do favelado.

A atribuição de estigmas, no sentido que foi dado por Goffman<sup>48</sup> em seu estudo, pesa sobre as interações interpessoais e nas decisões políticas de investimento em um local que é pensado como distante e desconhecido socialmente. A informação do estigma passa a ser uma característica permanente, se opondo a estados de espírito, sentimentos ou intenções. Os sentidos e significados dados pela informação são reflexivos e corporificados e passam de forma freqüente e regular a simbolizar homogeneamente um grupo de pessoas.

Em uma cidade, os espaços ou as áreas degradadas, tais como periferias, subúrbios, favelas e cortiços são associados à moradia de pobres, à ausência de infraestrutura, de ordem, de educação e de saúde e são temidos pela violência. Wacquant<sup>49,50</sup> faz uma revisão do uso da palavra gueto, também associada à pobreza e à desorganização social, sugerindo uma relativização do conceito de gueto, por ser um instrumento de cercamento, controle e análise social da dominação etno-racial e da desigualdade urbana. Conclui advertindo que “*o gueto talvez seja melhor estudado não em analogia às favelas, aos bairros de classe baixa ou aos enclaves de imigrantes, mas às reservas, aos campos de refugiados e à prisão, pertencendo assim a uma categoria maior de instituições de confinamento forçado de grupos despossuídos e desonrados*”<sup>50</sup>(p.162).

A cidade tornou-se tão complexa que fica difícil atribuir aos espaços características homogêneas como tipo de classe, religião, renda, cor da pele e origem. A presença do tráfico na cidade e o uso das favelas como esconderijo de armas, drogas e pontos de venda se transformou nas últimas duas décadas do século XX em um problema não só de segurança, mas principalmente de saúde. Juntando-se a estas as velhas questões sociais e econômicas reaparecem com a vinculação da criminalidade à pobreza.

O comércio que envolve a participação de poucos moradores – crianças e adolescentes – mas o silêncio de muitos. O suborno e a divisão dos lucros com as diversas polícias, o consentimento de políticos e o consumo de drogas por cariocas, favelados e (não)favelados, apresenta como consequência o aumento da violência e a crescente taxa de homicídios na cidade<sup>23,34,35</sup>.

No Rio de Janeiro, só a taxa<sup>vii</sup> de mortalidade juvenil (de 15 a 24 anos) chega, em 2004, a 110 óbitos por 100 mil jovens – o que segundo Waiselfisz<sup>51</sup> constitui um problema social, econômico e de saúde pública, pois afeta pessoas, famílias e a sociedade como um todo. Cria-se a necessidade de uma medicina de guerrilha nas emergências de hospitais públicos, voltadas para receber pessoas atingidas por ferimentos de armas de fogo. Além disso, leva-se em consideração os anos de vida perdidos e o aumento de morbidade por incapacidades, lesões, problemas crônicos, etc., decorrentes das lesões não-fatais.

A violência<sup>viii</sup> incide sobre a condição de vida, a partir de decisões histórico-econômicas e sociais, que tornam vulneráveis as condições culturais e econômicas das classes de baixa renda, como o desenvolvimento escolar e profissional<sup>26</sup>. Por ter um caráter perene e se apresentar veladamente, os diversos tipos de violência passam a ser

naturalizados e quase impossível de ser quantificada, pois não são reconhecidos por aqueles que a sofrem.

A violência, que se transforma em notícias sobre o Rio de Janeiro na mídia, torna negativa a imagem da cidade e pesa mais sobre a favela e a periferia, segundo Peralva<sup>53</sup>. Nas décadas de 1980 e 1990, os preconceitos expressados por termos pejorativos e as reportagens sensacionalistas escondiam interesses políticos que competiam pelos empreendimentos industriais e turísticos, pois outras cidades e Estados que são importantes pontos de conexão da rota da cocaína são pouco mencionadas até hoje no noticiário, mostra Ramos<sup>54</sup>.

Aliada à imagem do crescimento da violência, vemos a expansão das favelas, que surgiram no final do século XIX e chegam ao XXI em permanente ampliação. Em 2000, seu número já alcança 752 aglomerados, onde moram 18,7% da população do município<sup>33</sup>, aproximadamente 1 milhão de pessoas entre os quase 6 milhões de habitantes da cidade do Rio de Janeiro<sup>ix</sup>. Em 1950, a população era de 169.305 pessoas vivendo em 58 favelas. Em 1960, o número de favelas cresce para 147 com uma população de 335.063, sendo que a população total do Rio é de quase 3 milhões e 300 mil, mostram Lima<sup>43</sup> e Pino<sup>55</sup>. Isto é: na década de 1960, uma em cada dez pessoas que moravam no Rio viviam em favelas; em 2000, uma em cada cinco.

Os investimentos em infra-estrutura como água e esgoto, a construção de vias de transporte, a chegada de equipamentos coletivos, áreas de lazer, hospitais e escolas agregam valor à propriedade da terra. A apropriação do espaço decorre de um processo no qual valores sociais ficam como resíduos e dão características positivas ou negativas aos locais da cidade.

A ocupação de morro ou as habitações populares do Rio de Janeiro não foi desde sempre chamada de favela. Os estudos históricos sobre a cidade do Rio de Janeiro mostram que as primeiras construções em morros datam do ano de 1881, como o apresenta Abreu<sup>56</sup>. Imigrantes portugueses, espanhóis e italianos povoaram a Quinta do Caju, a Serra Morena e a Mangueira. Esta última ficava na encosta do Túnel Velho do lado de Botafogo

As transformações ocorridas na segunda metade do século XIX são marcadas pelo declínio da atividade cafeeira, pelo fim do sistema escravista, pelos surtos de industrialização e pela vinda de imigrantes estrangeiros. Tais mudanças tiveram como uma de suas conseqüências o aumento populacional e a questão da habitação. Na comparação entre os censos de 1872 e 1890, observa-se um aumento de 90% da população residente que passa de 274.972 para 522.651<sup>57</sup>.

Segundo Abreu<sup>57</sup> e Valladares<sup>33,58</sup>, o nome ‘favela’ surge nessa época e teve sua origem no Morro da Favella, onde soldados da Guerra de Canudos se instalaram com suas famílias, em 1897, com a permissão do Ministério da Guerra. Os soldados vieram para o Rio de Janeiro, então capital federal, em busca de seus honorários.

São duas as explicações para essa denominação do Morro da Providência. A primeira fala da existência neste morro da mesma vegetação que cobria o morro da Favella no Município de Monte Santo, na Bahia. A segunda relaciona o papel de resistência representado nessa guerra pelo morro da Favella de Monte Santo, que retardou o avanço final do exército da República sobre o Arraial de Canudos.

A guerra mobilizou jornalistas, médicos e militares que excursionaram pelo interior do Brasil e a descreveram em reportagens, diários do campo de batalha e crônicas. Abreu<sup>59</sup> atribui a importância da guerra também ao livro “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, lido por grande parte dos intelectuais brasileiros do início do século XX. Foi considerado por muito tempo o livro ‘número um’ do Brasil, com mais de 30 edições em português que se sucederam desde a primeira, em 1902, pela Editora Laemmert. Até hoje podemos ver adaptações da obra, como a de José Celso Martinez Corrêa para o teatro, em 2007.

Nessa época, são os livros, os magazines, os jornais impressos e os encontros pessoais, os meios de comunicação que vão organizar as relações dos indivíduos com a cidade, a orientar os comportamentos, permitindo a interiorização de experiências e práticas sociais. “*Os homens das letras buscavam encontrar no jornalismo o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível*”, afirma Sodré<sup>60</sup>. Dedicados à literatura e à imprensa, eles transitam também entre a elite política e econômica. Os outros meios de comunicação chegam décadas depois. A primeira transmissão oficial de rádio só acontece em 1922 e a chegada da televisão será apenas na década de 1950.

De acordo com Valladares<sup>33</sup>, “*Os Sertões*” foi não só responsável pela Guerra de Canudos não ter caído no esquecimento na história da Primeira República, como também pela primeira construção em nosso imaginário de um tipo de habitação que começa a ser conhecido e chamado por favela.

Além de diversas vezes descrever os trâmites da guerra ao redor da Favela de Monte Santo, ocupada pelo acampamento de soldados, Euclides da Cunha como narrador primoroso, atribui valores ao lugar. Como em: “*era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito./ A sua topografia*

*interessante modelava-o ante a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro degrau, amplíssimo e alto, para os céus...”*<sup>61</sup>(p.92).

A imagem da favela apresentada em “*Os Sertões*” começa a ser atribuída à ocupação em morros e ganha adesão por cronistas, músicos e jornalistas do início do século. Aos poucos os termos ‘morro’ e ‘comunidade’ são associados à favela, como nomes que definem o tipo de ocupação do espaço pela habitação popular. Morro, que passa a ter mais do que o sentido geográfico, significa favela enquanto modo de habitar e viver no Rio de Janeiro.

Nos trabalhos reunidos por Zaluar<sup>23</sup>, vemos que tais termos aparecem na literatura e nas crônicas do início do século XX de autores como Lima Barreto e Olavo Bilac, assim como nos primeiros sambas cariocas que, escritos em 1928, atravessam o século. As crônicas de 1900 à 1910 já apresentam a favela como ‘uma cidade à parte’ ou como ‘uma cidade dentro da cidade’<sup>x</sup>. A dualidade das narrativas e discursos aparece em quase todos os autores que escreveram entre 1908 e 1923.



Mercado da Praia do Peixe aproximadamente 1893/94. Foto: Juan Gutierrez  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional.

No entanto, a favela que surge não contrastava com o restante da paisagem. A cidade ainda é a São Sebastião<sup>xi</sup> do Rio de Janeiro herdada dos tempos coloniais. As ruas são estreitas, barrentas e entulhadas de carroças. A circulação de mercadorias e pessoas ainda é desordenada, as edificações são escassas e inadequadas às novas necessidades de moradia da população em crescimento. A proliferação de doenças relacionava-se diretamente às catastróficas condições de higiene, às quais grande parte da população estava submetida.

No Rio, as epidemias de febre amarela, peste, cólera, varíola e tuberculose não poupavam os quase meio milhão de habitantes e nem os imigrantes que aqui chegavam da Europa. Desde o século XIX, o papel dos médicos junto ao poder público foi determinante para que as mudanças fossem feitas. Influenciados pelas teorias médicas francesas, os médicos estabeleceram medidas de cuidados da cidade, que implicaram em desinfecção de locais públicos, drenagem dos pântanos e intervenção sobre as habitações consideradas anti-higiênicas.

Os cortiços, mais do que as favelas, eram o motivo de preocupação na época. Os do Rio de Janeiro podem ser considerados o ‘germe’ da favela. De acordo com Valladares<sup>33</sup>, alguns autores estabelecem uma relação entre as demolições dos cortiços do centro da cidade e a ocupação ilegal dos morros no início do século XX.

Vale lembrar que anos antes do lançamento de “*Os Sertões*”, Aluísio de Azevedo publicara “*O Cortiço*”, em 1890, com descrições de moradias populares auto-construídas no Rio de Janeiro. “*Tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal(...)*” – adquiridos em pequenos furtos de obras – “*Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores*”<sup>65</sup> (p.3).

Assim, descreveu Aluísio de Azevedo um outro modo de viver e habitar o Rio de Janeiro pelos trabalhadores de baixa renda. O número grande de moradores e o aspecto do cortiço, apesar de não respeitarem as normas sociais de infra-estrutura de habitação, se adapta a uma lógica própria que possibilita o espaço do trabalho, do lazer e do descanso que horrorizava as classes mais abastadas. Em seu trabalho “*O Rio de Janeiro e a República*”, Carvalho<sup>17</sup> diz que diante de qualquer ameaça vinda de fora, os moradores do cortiço – a “*pequena república*”(p.39) – esqueciam as confusões diárias e se uniam contra os inimigos externos, que eram principalmente a polícia, os agentes do governo e os moradores de outros cortiços.

Mesmo sem a repercussão do livro de Euclides da Cunha<sup>61</sup>, “*O Cortiço*”<sup>65</sup> mostra a habitação popular sob a perspectiva da malandragem. O cortiço do português João Romão, personagem principal, é um organismo que nasce com algumas tábuas roubadas e morre em um incêndio. A história do cortiço se desenrola com João Romão enriquecendo, explorando os miseráveis, que moram ali e compram em sua venda, e sonhando com a ascensão social. Aluísio de Azevedo ilustra em seu livro as questões da miscigenação racial e cultural, os preconceitos da época, e os diferentes modos de adaptação à vida na cidade, aponta Dalcastagne<sup>66</sup>.

Tal ilustração é coerente com o pensamento de médicos, higienistas e sanitaristas que voltam-se para as condições de salubridade e para a erradicação das doenças; com os projetos de engenheiros e arquitetos que pensavam na estruturação da cidade; com os planos políticos que tentavam estabelecer a ordem e administrar o espaço público; e também com os mais diversos tipos de intelectuais que estavam preocupados com o espaço urbano carioca que nada tinha de uma cidade moderna.

Como mostram Abreu<sup>57</sup>, Carvalho<sup>17</sup> e Pechman<sup>67</sup>, o entusiasmo para a mudança viria das incursões à Europa – o modelo e a imagem que se queria construir era a da cidade moderna européia inspirada principalmente na Paris reformada por Haussmann e na vizinha latino-americana.

Buenos Aires passou por sua reforma pouco antes do Rio e se aproximou muito mais do modelo de cidade burguesa dotada de um mercado de trabalho competitivo pelos seguintes motivos: presença reduzida de escravos; permanência na periferia da colônia e economia mais forte por ter recebido imigrantes europeus mais cedo. Isso tudo aliado a federalização em 1880<sup>17</sup>.

Na segunda metade do século XIX, o Rio de Janeiro, capital federal e principal porto do país, constrói linhas de bonde e trem que possibilitam a expansão da malha urbana. A vinda do rei e de toda a coroa de Portugal em 1808 facilita o desenvolvimento. A cidade, que passa por sua primeira ocupação de indústrias nos subúrbios, no centro e nos arredores, anuncia a necessidade de transformações diante dos dejetos nas ruas e o lixo das fábricas, a diminuição do espaço pelo aumento do número de pessoas, a fuligem das fábricas e a fumaça dos transportes, o horário de trabalho no cronômetro da vida.

O trabalho, a saúde, o ar, a água, a roupa, a casa, as relações com a família, a comunicação entre indivíduos, o livro, os jornais, o correio, o telégrafo e o telefone. O movimento de um constante acréscimo de conhecimento e de técnicas que vão estabelecer um novo modo de viver a cada instante do século XX.

Médicos sanitaristas abrem caminho para a intervenção sobre a pobreza através do combate às habitações insalubres, aos miasmas e às epidemias, fechando cortiços e proibindo novas construções. É nesse burburinho que as camadas populares começaram a se revoltar, permitindo a caracterização efetiva de classe perigosa<sup>44</sup>.

O Rio de Janeiro, como que fundado novamente pela reforma de Pereira Passos, tem sua imagem reconstruída expressa tanto em intervenções sobre o espaço urbano, enquanto paisagens urbanas e naturais para aqueles que passam ou habitam a cidade, quanto pelas imagens metafóricas, produzidas por construções lúdicas, no caso de

músicas e literatura, e científicas, pela medicina, engenharia e administração pública. A partir disso, inventa-se a imagem de uma cidade moderna, racional, desenvolvida, organizada e repleta de belezas naturais que vai nortear o imaginário a respeito do Rio, legitimando a crítica e o controle<sup>67</sup>.



Av. Rio Branco, década de 1920. Coleção: Augusto Malta  
Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional.

Considerado por alguns autores como o Haussmann à carioca, Pereira Passos proporciona três grandes mudanças do espaço social: a nova organização social que vai determinar as novas funções da cidade, já incipientes com a industrialização; o primeiro exemplo de intervenção do Estado sobre o urbano sob bases econômicas e ideológicas capitalistas; e também o resultado das contradições do espaço que ao serem resolvidas geraram outras contradições, como as novas construções populares em morros que vão marcar a imagem da cidade.

A transformação do espaço pela intervenção urbana no Rio de Janeiro junto com o entorno de montanhas, praias, florestas, céu, temperatura amena e a população cortês propiciou àqueles que aqui viviam ou visitavam-no, uma sensação de deleite. Do encanto e da apreciação das belezas urbanas e naturais surgiu o epíteto ‘Cidade Maravilhosa’, paralelo ao pesar e ao mal-falar sobre tudo o que denegria esse encanto – as revoluções, as construções populares e o espaço do trabalhador e do pobre.

A ocupação das Zonas Sul e Norte pelas classes média e alta deve-se principalmente à atuação das concessionárias de serviços públicos, enquanto os subúrbios cariocas e fluminenses surgem como local de residência do proletariado, que

crecia e migrava para capital, sem qualquer apoio do poder público. O urbanista francês Alfred Agache, que chega ao Rio, em 1920, contratado pela prefeitura para elaborar o plano de extensão, renovação e embelezamento da capital do país, faz observações importantes a respeito das contradições da cidade e do inconseqüente modo de apropriação do espaço pelas classes que têm poder de negociação com a administração pública.

Mostra, então, o desinteresse do poder público pelos bairros que não mais alocam a população rica. A *“atração dos novos bairros à beira do Oceano provocou o êxodo da população rica e os poderes públicos desinteressaram-se deste bairro, descuidando-se do revestimento das calçadas, do abastecimento d’água, da iluminação pública (...),”* adverte Agache<sup>68</sup> apud Abreu<sup>57</sup>.

E também levanta a questão das moradias populares e da presença das favelas como uma irresponsabilidade das autoridades, que dificultam burocrática e economicamente as construções: *“o operário pobre fica descoroado e reúne-se aos sem tecto para levantar uma choupana com latas de querosene e caixas de embalagem nas vertentes dos morros próximos à cidade inocuados, onde não se reclama imposto nem autorizações”*, mostra Agache<sup>68</sup> apud Abreu<sup>57</sup>.

Agache observa a necessária intervenção do Estado sobre o processo de reprodução da força de trabalho. Nas favelas, percebe a necessidade de proximidade com o local de trabalho para barateamento do custo de vida pela redução dos gastos com transporte. A população pobre e heterogênea estabelecia um tipo de organização social. Famílias viviam uma ao lado da outra, surgiam laços de vizinhança e costumes; e desenvolviam-se pequenos comércios como armazéns, botequins e alfaiates.

As ocupações ilegais em cortiços e em morros atravessam o século assombrando a imagem da cidade que se quer maravilhosa. A cada estudo e observação, a cada conversa e noticiário, a cada estatística e eleição, a cada tragédia e em cada carnaval, tais ocupações ganham mais sentidos para o Rio de Janeiro. As favelas, significantes máximos dessa semântica, ora são objetos de denúncia do óbvio de que não se trata de locais segregados da cidade, ora explicitam as questões que ali permanecem como uma ameaça à vida na cidade.

O Rio de Janeiro do século XX passa por períodos de intensa tentativa de retirada das favelas que tomaram grandes proporções. A criação da Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara – COHAB–GB, popularmente conhecida por COHAB, visava colocar em prática o programa de remoção dos moradores de favela para os conjuntos habitacionais através de um financiamento governamental.

Os moradores da favela do Pinto, situada às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, do Esqueleto, no bairro do Maracanã e a do morro do Pasmado, na Zona Sul, foram deslocados para novos bairros providos de unidades habitacionais, saneamento básico, abastecimento de água, luz e boas condições de habitabilidade, chamados de Vila Kennedy, Vila Aliança e Cidade de Deus, construídos para abrigar essa população. Esses bairros se localizavam próximo aos pólos industriais que seriam implantados, conforme projeto de zoneamento da cidade. Como os locais eram distantes do centro da cidade e as indústrias ainda não estavam alocadas próximas das novas moradias, alguns moradores preferiram se mudar para outras favelas.

Como algumas permaneceram, passaram a receber os moradores das favelas que foram totalmente removidas e que não conseguiram se manter em suas novas moradias devido ao pagamento do financiamento da habitação e do custo de deslocamento até o local de trabalho, conforme mostra Valladares<sup>41,69</sup> em suas pesquisas sobre habitações populares.

Em seu trabalho, Gondim<sup>70</sup> argumenta que o estigma associado à condição de favelado é reforçado e alimentado pelos técnicos e políticos responsáveis por programas de habitação popular para justificar as erradicações e os problemas relacionados à transferência para os conjuntos habitacionais. Como os novos imóveis também eram direcionados a moradores de baixa renda de outras origens, que presenciaram os problemas de remoção, o estigma foi mantido e usado como elemento de valorização social.

Os planos urbanísticos e políticas sociais apesar de ainda não suprirem o crescimento populacional, produziram melhorias: fornecimento de energia elétrica, rede de esgoto, escolas, postos de saúde e associações de moradores. Na favela como na cidade encontramos diversos tipos de classes sociais e religiões. Na cidade, como na favela, é preciso atentar para quem são e onde estão os criminosos. A cidade de bairros, que possuem favelas, consome as drogas e a violência do tráfico. No entanto, o significado da imagem e da palavra ‘favela’ em quase nada mudou.

Aqueles que a pensam ainda não encontraram o rito de passagem, processo primeiramente observado e conceituado por van Gennep<sup>71</sup>, no qual um indivíduo ou um grupo passa de uma situação social para outra e ganha com a nova situação um outro sentido e até um outro nome para a sociedade a que pertence.

Isto acontece principalmente em termos de representação: a imagem e as características do indivíduo ou grupo são ressignificados. No entanto, como veremos, as construções sociais e culturais, presentes na fala cotidiana, nos áudios e imagens da

televisão, no preto e no branco das mídias impressas e em tudo aquilo que continua a expressar a vida na e da favela, ainda não conseguiram transformar tal significado.

---

vii Sobre os dados sobre violência, ver “Qualidade de dados: políticas públicas eficazes e democracia”.in: Zaluar<sup>35</sup>.

viii Sobre o significado do termo violência ver: Lima<sup>52</sup> e Zaluar<sup>35</sup>.

ix O número de pessoas residentes no município do Rio é de 5.857.904, censo de 2000 do IBGE. (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>).

x O’Donnell percebe nas crônicas de João do Rio elementos de um trabalho etnográfico no Rio de Janeiro do início do século XX<sup>62</sup>.

xi São Sebastião é mártir. Sepultado na Via Ápia em Roma, e comemorado no dia 20 de janeiro. Em 1567, os portugueses, chefiados por Estácio de Sá, conseguem vencer a resistência dos franceses e Tamoios, no Rio de Janeiro. Estácio de Sá morre com uma flechada no rosto. “*Santo Ambrósio diz que Sebastião nasceu em Milão, onde já era venerado em fins do século IV. O cerne da narrativa diz que São Sebastião, nascido na Gália, era oficial da guarda imperial em Roma, na época de Diocleciano. Quando descobriram que era cristão foi sentenciado a morrer por flechadas. Os arqueiros deram-no por morto, mas seus ferimentos foram curados pela viúva de outro mártir, São Castelo. Ao saber disso, Diocleciano ordenou que Sebastião fosse surrado a pauladas até morrer. O emblema de São Sebastião é uma Flecha*”. Attwater<sup>63</sup>. A imagem da página 10 é de Alberto da Veiga Guignard, Martírio de São Sebastião, 1960, e pertence ao acervo do Museu do Ingá – Niterói/RJ<sup>64</sup>. Imagem Autorizada pelo:

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FUNARJ/

MUSEU DE HISTÓRIA E ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**II**

## **Deu na Tevê! escolhas, métodos e primeiras análises**

Depois das vivências – conversas e leituras – de jornalistas, editores e produtores, depois da reunião de pauta, depois do agendamento de entrevistas, depois das saídas para produção das externas, do diálogo com o operador de câmera, do pitaco do motorista do carro da produção, dos olhares dos passantes, da volta com áudios e imagens para ilha de edição, da conversa com ‘coleguinhas’, as notícias e reportagens tornam-se produtos de um desejo não tão consciente dos significados que vão além de apenas informar um acontecimento expressado em poucos minutos para milhares de pessoas.

A representação do Rio de Janeiro nos áudios e nas imagens transmitidas pelos telejornais reinterpreta uma forma de ver, viver e sentir a cidade que não é inédita e nem própria da rotina diária daqueles que a produzem. Os profissionais que fazem o SBT Rio e o RJTV-Segunda edição, mesmo obedecendo às regras e aos limites das empresas de comunicação, são partes integrantes e produtoras de sentidos da cidade – mais ou menos – compactuados por aqueles que os assistem por terem uma história comum.

Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações, bairros, favelas e (não)favelas são editados pelos discursos dos telejornais. *“Entretanto, o elemento que aciona esse contexto é o usuário, e o uso é a sua fala, sua linguagem. A transformação da cidade é a história do uso urbano como significado da cidade. Sua vitalidade nos ensina o que o usuário pensa, deseja, despreza, revela suas escolhas, tendências e prazeres”*<sup>72</sup> (p.4).

Como o objetivo não é quantitativo<sup>xiii</sup>, mas qualitativo atentando para os significados da representação da cidade nos dois telejornais locais, com diferentes públicos alvos e vindos de diferentes empresas de comunicação, a quantidade de repetições de temas e expressões e o tempo dedicado a cada assunto não são contabilizados, pois o tempo de coleta é pequeno para se falar em números que caberiam mais a um estudo estatístico da comunicação em um período maior: semestral ou anual, voltado para o produto do telejornalismo.

A questão tratada vai além do modo de produção e da intencionalidade da notícia<sup>74</sup>, pretende ver esta como uma produção social que obedece a uma lógica não apenas de mercado das empresas de comunicação, mas principalmente social, política e econômica, assim como as leis, os rituais e as festas. A análise de conteúdo, especificamente, as de discurso e imagem (discurso não-verbal) permitiram observar que a lógica do telejornal é rerepresentar ao telespectador a ordem social estabelecida.

Cada RJTV-Segunda edição possui, sem os intervalos comerciais, de 10 a 14 minutos de duração. O SBT Rio tem de 20 a 23 minutos, também sem contar intervalos. Durante a transcrição do áudio e observação de 42 dias de semana em que ambos são transmitidos e 9 sábados em que só é exibido o RJTV-2<sup>a</sup>, uma série de questões a respeito do fazer jornalístico foram levantadas. A variação do tom de voz do apresentador expressa a emoção do que é dito, como analisado por Panico<sup>75</sup>. O cenário e as trilhas de vinhetas de abertura e de séries de reportagem lembram trilhas de filmes, como a dos filmes do Indiana Jones<sup>xiii</sup>, apresentam um tipo de comunicação. Os locais mais falados, seja favela ou (não)favela, cidade ou baixada podem mostrar como o telejornal prioriza o noticiário. Os tipos de acontecimentos que se desdobram em séries de reportagens que vão ao ar durante toda a semana e, às vezes, por semanas, podem desvendar a intenção da produção.

Os temas que são abordados pelo telejornal parecem dar conta de uma produção diária e social daquilo que constitui toda a cidade. Mas estes são direcionados às preferências daqueles que os assistem, baseados nas pesquisas de audiência e nos interesses da empresa de comunicação. Dos dois meses de gravação, de 1º. de fevereiro a 1º. de abril, foram analisados 25 programas: 11 SBT Rio e 14 RJTV-2<sup>a</sup>, que servem de exemplos de como a cidade é representada nos poucos minutos de cada programa.

Nesses 25 programas, em uma segunda triagem do material, a análise foi direcionada por quatro categorias, duas espaciais relacionadas às duas temáticas. As espaciais são: a favela, que corresponde às áreas de moradia populares não-urbanizadas localizadas em morros e na periferia da cidade, e a (não)favela que corresponde às ruas, praças e praias. As temáticas são: a infra-estrutura, que descreve os espaços e seus usos, e a violência que apresenta as relações entre os indivíduos e dos indivíduos com o espaço. Ambas, infra-estrutura e violência, aparecem nas categorias espaciais. Para entender como as categorias favela e (não)favela são representadas, a análise se relaciona aos epítetos: ‘Cidade Maravilhosa’ e ‘Cidade Partida’.

No que diz respeito ao programa, são analisadas as chamadas, que são um resumo do telejornal, mostrando como as principais reportagens serão tratadas, e as categorias favela e (não)favela como representações dos espaços públicos da cidade. Não foram consideradas as notícias sobre tempo e esporte.

No material, pode-se observar que as notícias e reportagens não tratam somente da cidade do Rio de Janeiro, mas de sua Região Metropolitana com destaques para os municípios da Baixada Fluminense<sup>xiv</sup>. Considera-se área metropolitana, como definida por Velho<sup>76</sup>: *“fenômeno urbano de dimensões e aspectos geográficos, econômicos e*

*sociais que produz um englobamento de diferentes unidades políticas em um processo acelerado contínuo*”(p.10). A metrópole é a grande cidade moderna, o Rio de Janeiro, que determinado por características materiais e imateriais próprias, é apresentado pelos telejornais.

O conteúdo das notícias se assemelha em ambos os jornais: violência, problemas na educação, na saúde e na infra-estrutura urbana. A análise se volta para tudo o que especificamente fala sobre a cidade do Rio de Janeiro. No período observado, alguns acontecimentos produzem séries de reportagens que vão se desdobrando com novas informações e novos personagens. De um lado, temos a violência: a viúva que é mandante do assassinato do marido; o menino que é arrastado por metros até a morte preso pelo cinto de segurança do carro dos pais; os assassinatos de turistas franceses e de políticos; e, de outro, a preparação da cidade para as festas: o Carnaval e os Jogos Pan Americanos.

A violência é a questão mais apresentada dos telejornais no período. Interessam apenas as que acontecem nos espaços públicos de favelas e (não)favelas: roubos, homicídios, seqüestros e ações das diversas polícias. Brigas e mortes dentro de famílias e confusões de torcidas de futebol não foram observadas.

A educação e o carnaval, seguidos da violência, são os temas mais mostrados pelos telejornais locais devido ao período de coleta de material. Observa-se que o telejornalismo possui temas sazonais dentro da semana e do ano, ou seja, a proximidade com eventos e feriados. O tempo da sociedade para o qual ele se apresenta pauta as notícias e reportagens, como o verão que é de *‘calor e praias lotadas’*, o ano letivo de escolas e universidades começando e os sambistas que *‘aquecem os tambores’* para o Carnaval.

Entretanto, é interessante destacar que as reportagens relativas ao PAN reapresentam os problemas da cidade que precisam ser resolvidos até o início dos jogos: o transporte, os hospitais insuficientes e deficientes e ainda a escassa infra-estrutura de estádios e espaços esportivos. O conjunto de subtemas e imagens mostram a preparação da cidade e a transformação da mesma é em função de uma exibição mundial e não de uma necessidade de seus habitantes. É para o PAN que a cidade se transforma com novos estádios, com a melhoria no fluxo de transportes, com o cuidado na segurança e com a preocupação em estruturar os hospitais para atender os visitantes.

A preparação do PAN pode ser comparada ao procedimento social, mostrado por DaMatta<sup>12</sup>, onde a visitação da casa, a entrada pela varanda e a permanência na sala de estar obedecem a códigos sociais. Se a casa não está bem arrumada, pedimos desculpa

porque a casa é humilde, mas a simpatia, ‘o guaraná gelado, o biscoito’, e o serviçal, como mostra Freyre<sup>9</sup>, disposto a atender as solicitações mais obtusas do dono da casa, marcam a cordialidade do carioca e o seu ‘*way of life*’. Fazendo um paralelismo da casa e a visita com a cidade e os atletas do PAN na série de notícias percebe-se uma aproximação, os estádios reformados e a quantidade de voluntários das mais diversas idades e origens.

A seqüência de imagens dos telejornais é próxima aos videoclipes: são segundos que ilustram a fala, mostram os acontecimentos diante das câmeras. O ritmo é acelerado, pontuado pela fala do repórter ou apresentador. Os ‘*travellings*’<sup>xv</sup> não demoram mais que 10 segundos – é o tempo da frase. As imagens têm legendas que variam entre o ‘ao vivo’, gravadas no dia em que o telejornal vai ao ar, e de ‘arquivo’, que são em sua maioria da emissora de TV ou do próprio programa.

Descrever as imagens para análise transformaria a linguagem visual do meio televisivo em linguagem escrita, conforme sugere Machado<sup>77,78</sup>. Isto serve à pesquisa para registro e arquivo. Por outro lado, o congelamento, a escolha de algumas imagens da seqüência, como imagens estáticas ou de um instantâneo fotográfico, permite a reprodução em texto escrito e o levantamento de enquadramentos comuns aos temas das notícias de ambos os telejornais.

O lugar da fala do repórter e a posição da câmera mostram semelhanças importantes para pensar a representação do Rio de Janeiro e como esta deixa transparecer as construções culturais. Mesmo que as falas de repórteres e apresentadores direcionem o olhar através das imagens dentro do tempo da reportagem, as câmeras são os olhos de quem vê na tela da TV o acontecimento da cidade que o telejornalismo mostra, segundo Lima<sup>79</sup>.

Assim como o discurso do telejornal é polifônico (depoimentos pessoais em entrevistas, declarações diretas e indiretas de políticos, a fala testemunhal do repórter e o enunciado indireto do apresentador) a imagem possui uma policromia, descreve Souza<sup>80,81</sup>. A variação do tempo de imagens, passado e presente, é somada às possibilidades de ângulos e posicionamento de câmeras. São as possibilidades de imagens que constroem o ineditismo e justificam todo o trabalho do telejornal: das externas, passando pela edição até a exibição.

A imagem produzida é a que se vê e se compreende através das formas, cores e luz apresentadas pela construção sócio-cultural. A visibilidade é um pacto que se institui entre a imagem e o olhar que ganha significado ao estabelecer uma relação com o contexto da sociedade. O olhar sobre os telejornais trabalha diferente na leitura da

imagem, pois são percebidas como ícones<sup>xvi</sup> na medida que sintetizam uma idéia. A idéia é dada pela representação que dentro da ordem social possui um significado reconhecido por quem vê<sup>82</sup>.

Desse modo, apresentar os principais acontecimentos da cidade é, no caso dos telejornais, uma amostra do que se mantém. Isto é, a última novidade pode ser percebida por um padrão, variações sutis sobre o mesmo tema. No caso de reportagens sobre a educação e os hospitais, que por serem públicos, são ineficientes, as imagens são: filas, pessoas desmaiando e prateleiras vazias. E as falas são: a população não recebe atendimento e o poder público que não consegue administrar. E as notícias continuam.

No caso de reportagens sobre o transporte: motoristas irritados, carros buzinando, batidas, carros quebrados e guardas em gestos e apitos; a fala: a hora do rush, a confusão da saída nos feriados e fins de semana, os cuidados que motoristas devem ter ao tomar a direção (usar cinto de segurança, não beber álcool e não falar ao celular).

No caso de reportagens sobre a violência em todos níveis, gêneros e formas: as vítimas inocentes, que se mostram em lágrimas, cabeças baixas e expressam-se em lamentos; os criminosos silenciosos, cruéis e inescrupulosos que se colocam contra parede, rostos cobertos e são carregados pelas algemas a força por policiais.

A comparação de imagens, falas, posicionamentos de repórteres e câmeras dos telejornais é olhar o detalhe, os segundos dos *takes*<sup>xvii</sup> viabilizam a percepção da semelhança entre os telejornais e as falas e atitudes cotidianas, também presentes no cinema, na música, nos romances e nos trabalhos científicos. O diferente é que ali, na tela da televisão, colocada na sala principal da maioria das casas brasileiras, o comum, o costume, o detalhe é transformado em grande, em rotina e espetáculo.

Deu na tevê e o registro não é repassado para pesquisa, análise, questionamento e julgamentos<sup>xviii</sup>. Deu na tevê que brilha dentro de casas e apartamentos!

Mesmo que a televisão concorra com a rotina da casa, como fala Machado<sup>77</sup>, a mesa de jantar ou horário de almoço, com a conversa da família, as brincadeiras das crianças, os cachorros latindo, os telefones tocando, o rádio, o computador, a importância desta na casa brasileira é inegável, afirma Sodré<sup>83,84</sup>.

O pai pede silêncio para ouvir o noticiário. O tio em posse do controle remoto aumenta o volume. As críticas do universo adulto generalizam: todos os políticos são ladrões e as favelas, mostradas como local de violência, devem ser queimadas como aquela da Lagoa, porque lugar de pobre não é em cartão postal e sim no subúrbio<sup>xix</sup>.

Em sua análise sobre as casas da favela de Mata Machado, Ana Margarete Heye<sup>85</sup> observa que a televisão representa um dos maiores investimentos financeiros na década de 1970, quando realiza a pesquisa. Como consequência da importância do investimento, o aparelho é “*posicionado nem sempre de maneira aparentemente mais lógica para ver a tela, mas de modo a ser a primeira coisa a encontrar a vista de quem entra na casa, ou mesmo de quem não entre e só passa pela janela ou porta*” (p.124).

DaMatta<sup>13</sup>, na observação da divisão espacial da casa brasileira, escreve que “*a sala de visitas é também um espaço intermediário, mas dentro da casa, pois é um local onde as visitas são recebidas*”(p.92). A televisão está ali no centro de convivência da casa e está longe de ser mais um eletrodoméstico. A sala ou sala de visitas de casas e apartamentos das mais diversas classes fica perto da entrada. Lugar aonde chega, no caso das visitas, e aparece, no caso da televisão, o que vem da rua, mas que ao penetrar o espaço da casa se faz familiar.

O instrumento dos telejornais é a informação de um acontecimento. Ao se pensar nas cidades atuais, que são impossíveis de serem conhecidas em sua totalidade, veremos que “*é na televisão que a câmera do helicóptero nos permite alcançar uma imagem da densidade do tráfego nas avenidas ou da vastidão e desolação dos bairros de invasão; é na TV ou no rádio que, cotidianamente, nos conectamos com o que, na cidade ‘em que vivemos’, sucede e nos diz respeito, por mais longe que estejamos de tudo*”, afirma Martín-Barbero<sup>86</sup> (p.293).

A programação da televisão, mais do que entreter e informar, nos oferece algo em comum com o vizinho próximo ou distante. Socializa-nos nas salas de espera, nos elevadores e nas mesas de bar em que se comenta a telenovela, o ‘*reality show*’ e o noticiário. A tevê não mostra o inédito e nem dita regras que são recebidas por telespectadores obedientes. A tevê nos apresenta a nós mesmos como seres pertencentes a lógicas sociais análogas – a da realidade com as da ‘*telerrealidade*’<sup>83</sup>. Imbuídos de um desejo, que perversamente, nos convence de sermos assim.

---

<sup>xii</sup> Sobre métodos qualitativo e quantitativo ver Minayo<sup>73</sup>.

<sup>xiii</sup> Sucesso do cinema nas décadas de 80, o personagem principal do filme tinha sempre um desafio marcado por aventuras selvagens e por descobertas de tesouros escondidos.

<sup>xiv</sup> A Baixada Fluminense compreende os seguintes municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mangaratiba, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica; contando com uma população de mais de 3 milhões de pessoas, sendo 2 milhões de eleitores, constitui-se no segundo maior colégio eleitoral do estado (IBGE, Censo 2000).

<sup>xv</sup> A expressão vem do cinema que é movimento horizontal ou vertical da câmera sem cortes.

<sup>xvi</sup> Nas palavras de Joly<sup>82</sup>, “o **ícone** corresponde à classe de signos cujo significante mantém uma relação de analogia com o que representa, isto é, com seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese que represente uma árvore ou uma casa são ícones, na medida em que se “pareçam” com uma árvore ou com uma casa”(p.35).

<sup>xvii</sup> A expressão significa o tempo em que a câmera filma sem cortes, o que também é conhecido como tomada e o que foi transformado em fotografia para observação.

<sup>xviii</sup> Em dezembro de 2006, entrei em contato com a redação de todos os telejornais locais: SBT Rio, Bom Dia Rio (Globo), RJ Record, Jornal do Rio (BAND) e Notícias do Rio (TVE) e perguntei se poderia ter acesso ao material dos programas. Todos me responderam que não disponibilizavam o material para pesquisa mesmo com solicitação da instituição.

<sup>xix</sup> Esse trecho faz parte das lembranças de infância e adolescência, não lembro exatamente quais adultos na época faziam esses comentários a respeito da favela.

## **‘Veja agora!’: as chamadas do telejornal**

Os principais destaques dos telejornais são apresentados no início do primeiro bloco, antes de começarem propriamente as notícias e reportagens. A tendência de cada bloco, dividido pelos comerciais, é apresentar as editorias ou temas: saúde, entretenimento, esporte, cotidiano e polícia. E, ao final do bloco, pequenas chamadas mostram o que será apresentado no bloco a seguir.

Se o telejornal apresenta um recorte da cidade como um resumo de seus principais acontecimentos, as chamadas são o resumo desse resumo. Escolhidas pelos editores, as chamadas seguem a linha editorial e as normas da empresa de comunicação. Correspondem ao que são as primeiras páginas do jornalismo impresso, com objetivo de vender o jornal e destacar quais notícias serão desenvolvidas. No caso do telejornalismo, o objetivo é manter o telespectador até o fim do programa. A diferença entre os apresentadores é dada pela proposta de cada empresa de televisão e pelo horário.

O telejornal do meio-dia, no caso o SBT Rio, que passa às 12h45, é marcado por comentários, dicas e análises. Vai ao ar no horário de almoço das 8 horas diurnas de trabalho, na chegada ou na preparação das crianças e adolescentes em horário escolar. O tempo de transmissão de cerca de 30 minutos obedece a essa lógica, que faz parte também dos outros telejornais locais na faixa de horário do meio-dia até as 14 horas, como apresentam Tilburg<sup>87</sup> e Gomes<sup>88</sup>. Além do lugar central da casa, nesse horário a maioria dos televisores de alguns restaurantes espalhados pela cidade do Rio de Janeiro transmite os telejornais, o que entretém, faz companhia e ao mesmo tempo informa.

Os comentários trazem questões da política: *“é importante que a população acompanhe de perto as ações dos deputados. Até que, para na próxima eleição, você saiba se seu candidato merece um novo voto”*(Marcelo Castilho – 01.02.2007–SBT Rio)<sup>xx</sup>. Sobre como a cidade será retratada pelo telejornal, como em: *“o carnaval acabou, mas a cidade continua no ritmo lento dos dias de folia”*(Marcelo Castilho – 23.02.2007 –SBT Rio); *“um começo de semana trágico para a cidade”* (Marcelo Castilho – 26.02.2007–SBT Rio); ou até mesmo se contradiz em uma mesma abertura: *“o clima é de guerrilha urbana(...)a cidade em ritmo de carnaval vários blocos vão para rua nesse fim de semana”* (Marcelo Castilho – 02.02.2007– SBT Rio).

Já o telejornal local da noite, no caso o RJTV-Segunda edição, é transmitido entre duas telenovelas, às 19h. O horário corresponde ao fim da jornada de trabalho e de

estudos, é o tempo do lazer, próximo ao momento do jantar. A transmissão é de 15 a 20 minutos como para todos os outros telejornais, pois a faixa de horário entre 19hs e 22hs é considerada o horário nobre da televisão brasileira, quando um maior número de telespectadores está em casa e os televisores estão ligados.

A apresentação, não só das chamadas como de todo o telejornal é mais dinâmica, com textos mais curtos. Em uma frase se resume toda a matéria: *“Uma paciente é atingida por uma bala perdida dentro de uma clínica em Botafogo. É montado um cais flutuante na Lagoa para as provas do Pan Americano. Obras de urbanização vão melhorar a vida em 27 favelas do Rio. O RJ mostra ainda a esperança de crianças que se preocupam com o futuro”* (27.03.2007–RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxi</sup>.

A chamada é guiada pela voz do apresentador que, de início, propõe uma forma de informar o telespectador. A fala que abre o SBT Rio, apresentado por Marcelo Castilho é *“Uma boa tarde para você!”*, coerente com a sua posição de âncora e de uma atmosfera mais pessoal. O pronome ‘você’, dirigido aos telespectadores, é seguido por um texto que aproxima o apresentador do telespectador. A abertura do RJTV-2<sup>a</sup>, apresentada em sua maioria por Leilane Neubarth, é *“Boa noite, veja agora os destaques do RJTV”*, que marca um tom impessoal – é ao mesmo tempo direcionado a todos e a ninguém.

Vale lembrar que os olhos de ambos apresentadores estão direcionados para a câmera. Eles falam ‘olho no olho’ com o telespectador – o que remete à interação percebida por DaMatta<sup>11,12,14</sup> dada a pessoa, pois mais do que o simples olhar para a câmera, os apresentadores em gestos, tons de voz e palavras deixam passar uma proximidade, um afeto e uma cumplicidade com o telespectador sobre as questões da cidade.

As locuções dos apresentadores são seguidas por seqüências de imagens correspondentes à fala e ao depoimento de repórteres e entrevistados – o que anuncia o caráter polifônico – as múltiplas vozes: apresentador, entrevistados políticos, repórteres, pessoas na rua e especialistas no assunto tratado pela reportagem e também a policromia: as inúmeras imagens de um mesmo acontecimento, além da reapresentação de imagens e depoimentos de arquivo do próprio telejornal ou da emissora<sup>80,81</sup>.

Tudo nas chamadas antecipa o lugar de onde fala o telejornal e por onde o telespectador pode ver. Isto é, as notícias e reportagens apresentam um recorte do acontecimento, a partir da escolha de falas e imagens. Como vemos abaixo, as imagens anunciam o olhar que os telespectadores têm sobre a notícia ou reportagem. A fachada

da escola ou do hospital nas chamadas são literalmente a porta de entrada para as notícias.



“Na Zona Oeste o sofrimento dos alunos da rede estadual. Tem colégio que simplesmente não tem luz.”(Marcelo Castilho – 06.03.2007 – SBT Rio).



“Prédios das Escolas da Rede Estadual estão em péssimas condições” (15.03.2007– RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxii</sup>.



“A maior policlínica do Rio corre o risco de fechar as portas”(Marcelo Castilho – 27.03.2007–SBT Rio).

É no lugar público, escolas e hospitais mostrados pelos telejornais, que podemos perceber alguns hábitos. A atitude de reforço das deficiências e indiferença àquilo que é de uso da população mostra a falta de prioridade na agenda pública. A interferência do telejornal entre o problema e a administração pública reitera a necessidade de outros (telejornais) para intervir e ajudar. O lugar de se tentar cumprir a lei não é na justiça, não é escolhendo na hora de votar, mas viabilizado através do poder do telejornal que conta com a participação das câmeras e microfones.

Diante das câmeras, as pessoas encontram um canal de comunicação com os políticos. A notícia se torna o ‘*porta voz*’ para gerar o debate público<sup>xxiii</sup> e, com ele, a solução. No telejornal, os problemas da educação e da saúde nas chamadas recortam o tema, generalizando ao falar que a população não está recebendo o serviço. No decorrer da reportagem mostra outros poucos aspectos do problema que resumidamente são: a administração pública não cumpriu, mas promete resolver a questão.

No entanto, outras pessoas da cidade podem e pagam por saúde e educação. Quem paga, raramente aparece na televisão, pois não é notícia. As escolas particulares, as clínicas e hospitais da rede privada não aparecem no período analisado. Aqueles que pagam impostos e têm direito usam um ‘jeito’ particular de resolver.

O verbo pagar assume o sentido do ‘jeito’ damattiano que possibilita a compra de serviços de saúde, educação, transporte e segurança. Com isso, as notícias do descaso na saúde e na educação públicas alimentam o conteúdo do telejornal. Ano a ano, se sucedem e viram mais uma telenovela brasileira, com personagens reais e desobedecem a regra dos finais felizes.

No caso das favelas, as chamadas reforçam os estigmas do local. No período citado o tema mais tratado é o da segurança pública, que se resume à caça aos

traficantes que ‘dominam’ determinadas favelas do Rio de Janeiro e ao reforço do policiamento durante os Jogos Pan Americanos. Uma outra abordagem da temática da favela é o da reurbanização de algumas pelo Programa de Aceleração do Crescimento, entre elas, Rocinha e Manguinhos.



“O subúrbio terá 5 comunidades no projeto e a Zona Sul, uma favela beneficiada” (27.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxiv</sup>.



“Uma dona de casa que ia buscar o filho na escola é atingida por uma bala perdida na Cidade de Deus” (09.03.2007–RJTV-2<sup>a</sup>).

A posição da repórter acima é usada por outros repórteres e há uma outra variação que é a da entrada da favela. A imagem da repórter em primeiro plano em frente ao muro que ao fundo tem uma favela sintetiza a idéia de ‘Cidade Partida’. O muro separa, divide, determinando diferentes espaços. O telejornal, e conseqüentemente, seu telespectador estão de um lado do muro – do outro está a favela.

A imagem aérea complementa o sentido das imagens de repórteres. Mostram que na favela os problemas da violência e a necessidade de urbanização continuam. Fala-se de um ponto distante e sem especificações. O nome do lugar resume uma idéia: lá estão os males da cidade, onde o telejornal não entra e, por conseguinte, não permite ao telespectador entrar.

As abordagens das chamadas dos telejornais homogeneízam a questão sobre os temas. Variando entre 30 segundos e um minuto, toda chamada, ao resumir, antecipa o conteúdo do telejornal, que procura seguir uma lógica marcada pelos dias da semana, horários e acontecimentos. A proximidade com o fim de semana ou com feriados e acontecimentos importantes alteram o tom do conteúdo e, por conseguinte, da chamada.

Nos meses analisados, o futebol, o Carnaval, a preparação para os Jogos Pan-Americanos são a contraposição aos problemas da violência e da educação pública estadual. A semana pode começar trágica, ou com acontecimentos variados, mas o fim de semana é o momento em que se abre espaço para falar do lazer nas atividades culturais, na praia, no samba e no futebol, ou seja, dos elementos que sustentam o sentido da ‘Cidade Maravilhosa’.



*“Bom mesmo que o carioca recupere um pouco da alegria perdida com os últimos acontecimentos de violência extrema que chocaram a todos” (Marcelo Castilho, Imagem Jorge William – 16.02.2007 – SBT Rio).*

As notícias e reportagens estão em consonância com as atividades e convicções que os indivíduos colocam em prática em seu cotidiano, aponta Arbex Júnior<sup>89</sup>. Nesse sentido, a lógica é a de tentar dosar os problemas com questões mais amenas do cotidiano: o samba, o futebol e os projetos sociais.

Assim temos na mesma chamada: *“Mais um policial militar morre em confronto com bandidos. É o 11º. PM em uma semana”*. E também *“O futebol carioca em alta: Fluminense e Botafogo na Copa do Brasil. Flamengo na libertadores. Três vitórias fora de casa”* (15.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>). Ou ainda *“Pai conta o drama vivido durante um assalto em Irajá”* seguida por *“Praia lotada de banhistas e de irregularidades com a falta de fiscalização a orla do Rio vira uma bagunça. (...)E os gols da primeira rodada da taça Rio”* (Marcelo Castilho – 12.03.2007 – SBT Rio).

Essas escolhas de temas mostram que a cidade tem questões importantes a serem resolvidas, mas também há motivos de divertimento, de orgulho: a natureza, o futebol, o carnaval. Uma contemporização que permite a convivência<sup>9,10</sup>. Um ‘jeito’ que faz seguir adiante, fugindo dos conflitos<sup>13</sup>. Nas chamadas dos telejornais o objetivo é prenunciar o que vem: *“veja agora”*.

---

<sup>xx</sup> O Termo do SBT, ver anexo, solicitou o uso de créditos dos profissionais do SBT Rio.

<sup>xxi</sup> Ver anexo tabela e DVD.

<sup>xxii</sup> Um ano depois, fevereiro de 2008, essa mesma imagem aparece no RJTV para chamar uma reportagem de problemas no início do ano letivo. O prédio é visivelmente abandonado! Não é ali que estão as questões da educação. Reapresentar a mesma imagem contribui para a desvalorização da imagem da educação pública.

<sup>xxiii</sup> No capítulo Considerações Finais na terceira parte falo sobre a Teoria do Agendamento.

<sup>xxiv</sup> Ver anexo tabela e DVD.

## (não)favela

Os espaços de (não)favela, como diz a própria denominação, são todos os espaços da cidade que não recebem o nome ou não são conhecidos por favela. O não entre parênteses usado em todo o texto, foi inspirado na morfologia que usa o conteúdo entre parênteses para uma relação opcional com o substantivo anterior ou posterior. É mais comum ver os parênteses quando o que está em opção é o gênero ou o plural, como por exemplo, ‘meninos(as)’ ou ‘senhores(as)’. Fora da favela temos todo o resto da cidade: os edifícios, as casas, as praias, as ruas e as instituições públicas e privadas ocupadas por empresas, fábricas e pela administração ou pelos serviços de saúde, transporte, educação, etc.

A expressão (não)favela, em vez de bairros ou ‘asfalto’ ou qualquer outra que possa estabelecer um modo de observar a cidade dividida, se adequou a essa análise porque os espaços favela e (não)favela se assemelham em alguns aspectos. Nesse sentido, pode se dizer que a cidade é contínua. A desordem, a desobediência à leis e a violência estão presentes tanto cá como lá. São parte da vida do carioca e de suas interações pessoais, mas é sobre a favela e seus habitantes que tais aspectos pesam.

As praias são mostradas como lugar do lazer e do prazer do carioca, sol, banho de mar, passeios, prática de esportes ao ar livre, em um dos cartões postais como Copacabana, Ipanema, Arpoador e Leblon. “O fim de semana foi de sol e calor bem ao jeito do carioca” (Nathaly Ducoulombier – 12.03.2007 – SBT Rio). “*Onde houver um raio de sol, tem carioca aproveitando a vida*”(24.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxv</sup>.



“Garrafa de vidro não é permitido, olha ela aí!”  
(10.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).



“O frescobol não é permitido na beira do mar aos sábados, domingo e feriados, mas as pessoas continuam jogando” (Nathaly Ducoulombier  
Imagem: Jorge William – 12.03.2007 – SBT Rio).

A exuberância da natureza: as belas paisagens, a temperatura amena, o céu sereno, o solo generoso, sob constante primavera, os homens e mulheres que seminus habitavam. Representações dos relatos dos colonizadores reaparecem nas imagens e nos

discursos dos telejornais. São reminiscências do motivo edênico que contribuem para a percepção da ‘Cidade Maravilhosa’.

Entretanto, não escapam ao modo de viver que alimenta o noticiário de uma forma irônica. “*‘Eu paguei e o cara falou que tava com conchavo com os guardas’. O guarda disse que ela (a médica)foi enganada. E ainda vai pagar a multa. ‘Vim a praia e gastei R\$ 140’*” (10.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>). Tudo o que supostamente é proibido “*Apesar da interdição em frente ao quebra mar, tem gente que ignora a proibição*” (Marcelo Castilho – 02.02.2007 – SBT Rio) , e que os habitantes “*estão carecas de saber*”, na fala o apresentador do SBT Rio, está ali diante das câmeras.

O não querer ou não exercer a lei conforme ela está escrita constitui um dos modos do carioca e do brasileiro que aparece nos telejornais. O ‘jeitinho’ é uma marca, um estilo de realizar e proceder socialmente, une a lei à pessoa que utiliza e se beneficia da aparência, da conversa e das relações sociais<sup>11,13</sup>. Esse ‘jeito’ de viver pode também ser percebido nas reportagens sobre a relação com o trânsito: o uso da calçada e do fluxo das ruas.

As imagens de equipamentos urbanos quebrados, carros estacionados em lugares proibidos, pontos turísticos abandonados, bueiros sem tampa, buracos nas ruas ilustram diversas reportagens e também a série “*O Rio não merece*” do RJTV-2<sup>a</sup>, que evidencia a característica de intervenção do telejornalismo local entre o ocorrido na cidade, mostrado como notícia, e a proposta de solução para a administração pública.

A série é formada por notas dadas pela apresentadora que fala em *off*<sup>xxvi</sup> de imagens de diversos locais da cidade com problemas e diz aos telespectadores o que administradora pública responsável pelo problema respondeu ao RJTV-2<sup>a</sup>. São as “*cenais que o Rio não merece*”(22.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>) e os “*flagrantes do descaso*” (21.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).



“*Flagrantes do descaso que o Rio não merece*” (21.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).



“*E a bandeira do Brasil, um símbolo nacional está rasgada*” (27.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxvii</sup>.

A rua aparece nas notícias como é apresentada por DaMatta: local da maldade e da insegurança, desordenada, degradada e confusa. A violência que aparece em espaços

de favela e (não)favela é exercida na rua. “*Para quem vive uma rotina de medo, andar pelas ruas é um desafio*”(Nathaly Ducoulombier – 16.02.2007 – SBT Rio).

A rua é tomada por aqueles que a usam como se este fosse um espaço privado ou de um grupo particular. Os motoristas não obedecem às regras e as manifestações contra a violência ocupam ruas e calçadas. “*Aqui o problema é a falta de educação dos motoristas que estacionam em lugar proibido*” (24.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxviii</sup>. “*A van pára fora do ponto e o ônibus pára em cima da faixa, atravessado em duas pistas*”(09.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).



“*A corregedoria da PM quer saber se houve excesso dos policiais*”(12.03.2007–RJTV-2<sup>a</sup>).



“*Os motoristas fecham as pistas. Um jeitinho de ganhar tempo e atrapalhar o tráfego*” (09.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).

Espalhadas pelas ruas e avenidas, seja na queima de pneus, carros e ônibus. “*Manifestantes queimaram três carros em um dos acessos do Morro da Mangueira, na Zona Norte da cidade do Rio*” (22.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>), seja caminhando com faixas, lamentando as mortes de vítimas – “*A dor de quem protestava também foi sentida por quem observava a manifestação*” (10.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>), as manifestações mostram que por trás do indivíduo e do desconhecido estava uma pessoa<sup>12,13</sup>.

Uma criança, um jovem, uma mulher, de diferentes idades, origens, profissões e famílias que só passam a serem reconhecidos enquanto pessoas depois de não mais estarem vivos. Seus rostos de pessoas estão nos telejornais, nas capas impressas, suas famílias expressam a revolta e a dor e recebem as condolências da administração da segurança pública.



*“Parentes de vítimas da violência refizeram o caminho por onde bandidos arrastaram o menino João Hélio há um mês” (10.03.2007 – RJTV-2ª).*



*“Assim que o Bope deixou a favela, manifestantes ocuparam as ruas próximas à Mangueira” (22.03.2007–RJTV-2ª).*

Essas notícias e reportagens apontam os problemas que estão presentes em toda a cidade, mas é melhor pensar que lá, na favela, a vida é pior: há mais pobreza, menos infra-estrutura, mais desordem e mais violência. Mas ao olhar para (não)favela, vê-se aqui o que temos lá: o jeito do carioca de sobreviver.

Apesar de favela e (não)favela se oporem, é possível vermos a existência dos estigmas atribuídos aos espaços de favela em ambos. Mas por força do hábito, do pensamento, construído em filmes, músicas, poemas, romances, novelas, trabalhos científicos e principalmente nos telejornais, apontam-se as armas para um inimigo do imaginário histórico-social.

---

<sup>xxv</sup> Ver anexo tabela e DVD.

<sup>xxvi</sup> A expressão significa a fala de apresentadores e repórteres sem a presença pessoal. Imagens diversas aparecem com a fala ao fundo.

<sup>xxvii</sup> Ver anexo tabela e DVD.

<sup>xxviii</sup> Idem.

## favela

A favela possui uma série de características que ultrapassam a determinação territorial localizada no Rio de Janeiro. A palavra favela descreve todos os espaços da cidade que recebem o nome ou são assim conhecidos por denominações semelhantes como ‘morro’ e ‘comunidade’. Algumas características das áreas de favela, como o reconhecimento da ilegalidade de ocupação do solo e a total falta de infra-estrutura e de serviços urbanos (água, esgoto, coleta de lixo, drenagem, iluminação pública, transporte, telefonia, etc) se modificaram.

A favela ou seus equivalentes ‘comunidade’ e ‘morro’ é definida pelo histórico do local, pela percepção de como sua população vive e é distinguida na cidade. Alguns desses locais pelos tamanhos populacional, territorial e de complexidade já são reconhecidos pela administração da cidade por Regiões Administrativas: Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Rocinha e Jacarezinho.

No entanto, é fora das favelas, Regiões Administrativas ou não, que temos todo o resto da cidade: as praias, as ruas, os tipos de habitação com melhor infra-estrutura de energia elétrica, gás domiciliar, água e esgoto e maior presença de serviços de saúde e educação.

O tratamento dado ao espaço da favela é o mesmo que o da rua, no sentido damattiano: o lugar desordenado e confuso. *“Nossa equipe mostrou o estado de abandono que se encontra a comunidade. Os alagamentos. O poste que ameaçava a cair. A iluminação precária e a constante luta dos moradores contra o caramujo africano”* (Leandro Stoliar – 15.02.2007 – SBT Rio)<sup>xxix</sup>.

Nas notícias sobre as áreas de favela pode-se observar que a desordem, a desobediência às leis e a violência que também são apresentadas em (não)favelas ganham uma outra perspectiva de abordagem e de direcionamento de imagem. *“Toda a estrutura que vem crescendo desorganizada fora dos parâmetros que a gente quer, ela vai nos trazer problemas. Não adianta a gente urbanizar e continuar com o crescimento”*, William Oliveira, presidente da Associação de Moradores da Rocinha (27.03.2007– RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxx</sup>.

A desordem da favela é mostrada por câmeras que sobrevoam o local ou ficam na entrada. Reapresentam as imagens de uma massa confusa, contínua e desordenada de casas em construção. Não é possível ver as ruas, diferenciar as casas e o comércio, o comércio do tráfico, conseqüentemente, não se distinguem os bandidos dos trabalhadores, as crianças dos menores infratores.



“O complexo da maré, das 16 favelas pelo menos 3 estariam nas mãos das milícias”(Marcelo Castilho – 23.02.2007 – SBT Rio).

“E moradores da Rocinha conhecem os projetos de urbanização” (22.03.2007–RJTV-2<sup>a</sup>).

A câmera que se posiciona no principal acesso à subida ou entrada da favela tem o repórter em primeiro plano falando de um projeto urbanístico que vai intervir no local. Uma outra câmera faz o sobrevôo e em *off* é relatado o número de habitantes, a divisão do local e quantas pessoas terão melhores condições de vidas com a urbanização.

As câmeras mostram em imagens de cima para baixo, à distância e atrás de muros que ali está um afastamento necessário. Uma instância de poder da televisão e da empresa de comunicação que reforçam as características da ‘Cidade Partida’, colocam a favela longe da vida e do cotidiano da cidade.

Os entrevistados que relatam a necessidade de maior infra-estrutura e investimento público não são os habitantes comuns desses locais, mas as instâncias políticas através de arquitetos e associações de moradores. “O governador do Rio, Sérgio Cabral, disse que em dois anos já vai ser possível melhorar a vida de moradores de favelas do Rio. ‘Essa nova realidade, essa nova visão urbanística, essa nova acessibilidade e novos equipamentos públicos vão estar na Rocinha e nas outras comunidades Mangueiras, Complexo do Alemão e Cidade de Deus’ (24.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxxii</sup>.

Nesse lugar, ao qual não se tem proximidade pela televisão, o poder público precisa intervir, modificar, tornar formal e parte da cidade. As vielas e becos precisam se transformar em ruas. Os postes precisam iluminar os caminhos. A construção de creches, hospitais e postos de saúde vai mudar a vida dessa população, dizem os telejornais.

Os mapas e os números complementam as imagens que distanciam a favela. Trazem a região demarcada e os dados estatísticos que traduzem o cotidiano do local. A promessa de diminuição da violência é vinculada ao futuro melhor dado pelos novos equipamentos públicos. Os mesmos, que deixam a desejar em qualidade e em

quantidade nas áreas de (não)favela, e que por isso são substituídos pelos serviços privados por aqueles que podem pagar, vão servir para transformar a vida do favelado.



“Os homens da Força Nacional de Segurança, que vão ajudar as polícias” (02.02.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).



“A Zona Oeste vai receber obras em 6 favelas” (27.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxxii</sup>.

A promessa é a da transformação física: ordenar e estabelecer o acesso à vida da e na favela. “As ruas vão começar na cidade formal e continuar por dentro dos bairros. Por isso, as vias principais de todas elas serão alargadas. Terão todos os serviços que existem em centro de bairro, como postos de correio e de polícia, creches, hospital. Enfim, tudo o que tem na cidade formal se estenderá lá para dentro naturalmente” (21.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).

Outras notícias e reportagens dão sentido à favela como local do perigo e da violência. “Os soldados que voltam à cidade vão receber um treinamento especial para atuar em áreas violentas(...) Depois desta preparação, os policiais da Força Nacional de Segurança estarão de prontidão para fazer operações em favelas da Região Metropolitana do Rio”(01.02.2007–RJTV-2<sup>a</sup>). Apontam-se as câmeras por trás daqueles que apontam as armas que miram a favela a esmo. Lá estão o tráfico, os bandidos e os criminosos que justificam ações policiais que justificam as reportagens e notícias que justificam as empresas de segurança privadas, os muros, as câmeras e as grades<sup>90</sup>.

“Na rotina de casos violentos no Rio de Janeiro, histórias se repetem. Na segunda-feira, Dona Edna, a mãe da jovem Alana Ezequiel, de 12 anos, se desesperou com a morte da filha. No dia seguinte, uma professora, um gari, um aposentado e um vendedor foram as vítimas. Ontem, muita emoção no enterro de Maria Fernanda Guerra Santana, de 2 anos, assassinada por bandidos”(09.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>).

Generaliza-se e ao mesmo tempo se define a violência da ‘Cidade Partida’ em uma determinada favela ou os bandidos que de lá vieram. “Mais um dia de violência na cidade. Um tiroteio no Complexo do Alemão hoje de manhã deixou pelo menos um

*policial morto e pelo menos sete pessoas feridas”* (Marcelo Castilho – 06.03.2007 – SBT Rio).

A inocência é atribuída a toda e qualquer vítima, as suas aparências físicas, suas idades variam. Falar em violência na favela é falar em bandidos que estão do lado oposto da cidade com suas polícias e leis, mas também do que não consegue ser cumprido pelo poder público. *“Apesar da promessa de policiamento, traficantes foram vistos circulando pela favela. A sensação entre os moradores é de apreensão”* (Marcelo Castilho – 06.03.2007 – SBT Rio).

Carregados já mortos ou pelas algemas, a força bruta é a expressão da lei diante das câmeras, não importa se os bandidos massacrados por policiais são jovens e crianças que ameaçam a vida na cidade. *“Imagens que parecem ter saído de um filme de guerra, mas que acontecem no Complexo do Alemão, em plena capital do estado, numa cidade que um dia já foi maravilhosa”*(Marcelo Castilho - 15.02.2007 – SBT Rio)<sup>xxxiii</sup>.



*“PMs de vários batalhões continuaram a cercar os acessos ao morro a Av Itararé”*(15.02.07 – RJTV-2<sup>a</sup>).



*“Avenida Itararé próximas a uma das entradas do Complexo do Alemão foi cercada”* (Cláudia Ramos, Imagem: Jorge William – 06.03.2007 – SBT Rio).

Além do tráfico e da necessidade de urbanização, as notícias e reportagens também mostram os projetos sociais que se localizam dentro da favela ou em áreas próximas. A ‘Cidade Partida’ se une em diversas favelas para solucionar problemas e levantar a auto-estima, como no livro de Zuenir Ventura<sup>36</sup>. É o ‘jeito’ damattiano<sup>11,12</sup> de evitar o conflito, não exigir a execução da lei por parte da administração pública e, principalmente, se sentir parte da cidade, através do reconhecimento e da participação.

As formas de reconhecimento aparecem como as legitimadas pela mídia que constrói o universo de celebridades. A busca não é pelos direitos e deveres. A produção artística, os esportes e os projetos sociais foram outros temas das notícias sobre a favela, presentes no período gravado. O funk e o hip hop são as manifestações musicais, assim como o samba, pelas quais os jovens das favelas se identificam<sup>23,34,53,76</sup>.



*“Eu tentei jogar futebol, só que não apareceu nenhuma chance. Ai eu se dediquei ao funk”*(Cláudia Ramos, Imagem: Jorge William – SBT Rio – 02.02.2007).

O funk, que é associado ao tráfico, em uma série de reportagens do SBT Rio, mostra o seu lado social e ‘do bem’. *“É errada a idéia que as pessoas fazem de que todas as composições de funkeiros fazem apologia à violência. Uma boa parte de artistas aposta no papel social do funk, nas mensagens de amor”*(Marcelo Castilho - 01.02.2007 – SBT Rio).

Imagens de jovens dançando e praticando esporte se somam ao discurso de que o objetivo do projeto é tirá-los da rua, conseqüentemente do tráfico e da criminalidade, o mal que paira sobre a favela, segundo os telejornais. *“Arte e esporte caminharam juntos aqui. Aos poucos as paredes ganharam as cores dos grafiteiros, convidados pela Central Única das Favelas para participar do campeonato. Um encontro democrático, onde jovens têm a chance de sonhar com um futuro melhor”* (10.03.2007 – RJTV-2ª).

Os telejornais entram na favela através dos projetos sociais que se apresentam como caminho para a mudança da condição que pesa sobre a favela e seus moradores. Segundo os telejornais, lá não há diversidade – trabalhadores de diferentes profissões, estudantes de diversos níveis, religiosos de diferentes crenças, – mas pessoas que precisam ser salvas da pobreza, da desordem e do tráfico.



*“Foi lavando roupa que Rozane criou os 4 filhos. Moradora do Morro dos Prazeres em Santa Tereza, ela passou por grandes dificuldades, mas deu a volta por cima. Um dos incentivos foi o ofício como bordadeira numa organização não-governamental”*(Nathaly Ducoulombier, Imagem: Carlos Amorim – 26.02.2007 – SBT Rio).

*“O sonho do bailarino Jaime Aroxa era dar a crianças e jovens de comunidades pobres do Rio a oportunidade de deixar para trás um cotidiano de conflitos, pobreza, violência e se entregar à arte e ficar bem dos pés à cabeça”* (24.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxxiv</sup>.

A ‘salvação’ é dada por professores, assistentes sociais e coordenadores que não falam nos telejornais – espaço onde a administração pública ouve e promete solução – sobre o papel da família, da escola, da cidadania e nem mesmo do descaso do governo. *“Luciene Mendes, coordenadora do projeto, conta que alguns meninos foram tirados das drogas, do crime e do tráfico. ‘As crianças já estavam já com problemas na sua comunidade e, quando encontraram o projeto, viram uma outra luz na vida deles’* (24.03.2007 – RJTV-2<sup>a</sup>)<sup>xxxv</sup>.

Assim como os planos urbanísticos, a fala dos projetos sociais é expressa não por moradores ou crianças que fazem parte do projeto e poderiam mostrar o motivo individual de estarem ali. A fala é mediada pela instância de poder da organização que refaz admissão de responsabilidade com um discurso paternalista de que a ‘luz na vida’, a ‘saída da rua’, o ‘futuro melhor’ e a ‘distância do tráfico’ são oferecidas pelo projeto.

Comparando as notícias sobre a favela e a (não)favela, percebe-se que há uma discrepância entre a complexa realidade da cidade e o direcionamento de imagens e áudios dos telejornais. As representações do espaço favela e seus moradores são distanciadas e sem definições legítimas. A importância do tema do tráfico, da violência e de um espaço construído, aparentemente desordenado, pelas próprias famílias que ali moram há décadas, sem intervenção de engenheiros, arquitetos e construtores, não justifica, mas explica a denominação de ‘Cidade Partida’.

---

<sup>xxix</sup> Ver anexo tabela e DVD.

<sup>xxx</sup> Idem.

<sup>xxxi</sup> Idem.

<sup>xxxii</sup> Idem.

<sup>xxxiii</sup> Idem.

<sup>xxxiv</sup> Idem.

<sup>xxxv</sup> Idem.

**DIVAGAÇÕES**

**FINAIS**

## Direito de imagem

Um outro caminho dos significados da representação do espaço urbano vem sendo traçado por cientistas sociais e antropólogos, que se empenham para provar que a divisão do Rio de Janeiro entre favelas e (não)favelas é permeada por interações pessoais. Grupo de amigos, famílias, de preferências culturais, artísticas, religiosas e profissionais unem moradores de todos os espaços da cidade.

Desde as décadas de 1960 e 1970, os estudos começam a mostrar que a favela não é o local de moradia exclusiva dos pobres e muito menos está à parte da cidade, mas é um local de trabalhadores de baixa renda que tiveram ao longo do século XX e, principalmente, nos últimos vinte anos mobilidade social e econômica. A cidade que cresceu exponencialmente tornou-se complexa e sua diversidade é cada vez mais difícil de ser compreendida em representações de imagens, palavras e dados estatísticos.



Vista do Morro Santa Marta. Foto: Eduardo Dias da Rocha

As relações da ‘Cidade Partida’ são costuradas, segundo a análise de Adair Rocha<sup>91</sup> sobre a favela do Morro Santa Marta. “*Na medida em que a favela se torna necessária para a existência da cidade, para o seu funcionamento legal e ordenado, segundo a lógica do asfalto, sua presença não é só permitida, como é acolhida*” (p.29). A Cidade Cerzida costura trabalhadores e conhecimentos para criar meios de mobilização em busca da cidadania e da construção de redes de solidariedade e comunicação entre os moradores de favela e (não)favela.

Mas, a construção social da pobreza, da violência e a permanente relação destas com as favelas transformou a representação romântica do “*pobre limpinho*”, do “*pobre honesto*” em “*pobre criminoso*”, “*pobre perigoso*”<sup>44,92</sup>, principalmente, depois do crescimento da violência em toda a cidade aliado ao comércio de tráfico de drogas e armas.

A heterogeneidade da favela passa cada vez mais a ser mostrada aos universitários, estudantes e pesquisadores. Vira dissertações, artigos, livros, preenche os diários de campo das ciências sociais com palavras, dados, imagens e vivências. Entre tantas referências os de Velho<sup>34,40,76</sup> e Zaluar<sup>23,35</sup> apresentam temas variados sobre o universo da favela.

Em um estudo da bibliografia sobre a favela, com base nos dados do URBANDATA – Brasil, Valladares<sup>33</sup> mostra um maior número de publicações na Sociologia Urbana (19%), no Planejamento Urbano/Arquitetura (18%) e na Antropologia Urbana (14%). Dentre cerca de 752 favelas, apenas 19 reúnem 43% do total das publicações, o que pode ter a ver com: a proximidade com a universidade; a intervenção recente de políticas públicas; a visibilidade negativa dada pela mídia relacionada à violência e ao tráfico de drogas; a ligação com conflitos políticos e mobilizações associativas; a tradição da favela com o samba e a malandragem carioca e o efeito aglutinador de todos os itens.

As representações desvendam a complexidade e as transformações vividas por seus moradores. A heterogeneidade das classes de renda: de miseráveis a classe média; as escolhas religiosas: a macumba e os evangélicos; os diferentes gostos musicais: o samba, o funk, o charme, o hiphop; o esporte e a dança, a educação e as conquistas materiais; e sobretudo o lado oculto do crime, que para uns, seja da favela seja de (não)favela, compensa.

A imagem romântica da pobreza relacionada ao samba, à boemia e à malandragem, símbolos das favelas do Rio de Janeiro, é ofuscada pela violência. Esta passa a ser o motivo de expressão de hiphop, funk, literatura, teatro e cinema. Apologias ou não, as histórias de vida marcadas pela criminalidade ganham novas cadências. Mostram que o que grita no interior da favela não é mais um modo de habitar e viver, mas as centenas de vidas que se esvaem no tráfico.

A voz do morro não mais ecoa os ritmos que podem ser assoviados ou dançados vulgarmente. Associou-se a produtores de cultura, a diretores de cinema e a pós-doutores. Coloca-se em questão a mediação atribuída não só aos meios de comunicação, mas também aos inúmeros estudos, que contraditoriamente aproximam e distanciam. A vida da favela, transformada nos números, nas palavras e nas imagens assépticas, mostra uma outra face. O corpo rasgado de balas, o ódio revelado pela cocaína, as palavras e as mãos que se erguem em direção ao próximo para lhe tirar a vida, o sangue, o suor e a dor.



Foto: Severino Silva.

O tráfico não se restringe ao espaço da cidade do Rio de Janeiro e nem à favela. É uma atividade de várias esferas sociais que atua negativamente sobre o desenvolvimento sócio–espacial<sup>93</sup>. Trabalha nesse comércio uma rede internacional de empresários e políticos, que também tem seus representantes locais. Participam na divisão dos lucros as instituições policiais e os jovens e crianças, que acreditam que vão mudar sua situação econômica vendendo ‘branco’ ou ‘preto’<sup>xxxvi</sup>, carregando e manuseando metralhadoras. “*Que criança? Eu fumo, eu cheiro, já roubei. Sou sujeito homem!*”, diz um menino do filme “*Cidade de Deus*”.

O conflito entre as diferentes facções que disputam o poder local transformou a relação do traficante com a rede de solidariedade da favela. O traficante não é mais o menino que cresceu na favela. Veio de outra, não protege mais as famílias locais, ameaça vidas, exige silêncio, recruta os filhos menores para o tráfico, sem colaborar com alimentos e remédios. O objetivo dele é o negócio, o lucro, através da violência e do medo, que marca a condição de qualquer favelado.

Em seu trabalho, “*Marginais, delinqüentes e vítimas*”, Rinaldi<sup>94</sup> mostra que as representações da categoria ‘favelado’ do tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro estão relacionadas diretamente à idéia de que se já não for um criminoso, o favelado está na iminência de sê-lo. “*Esse rapaz é morador da favela, mas é trabalhador*”. A honestidade está relacionada à residência certa, à folha penal limpa e à carteira de trabalho.

As favelas tiveram melhorias na infra–estrutura com creches, associações locais, energia elétrica e tubulações de água e esgoto. Aumentaram sua renda e sua auto–estima. Os moradores da favela chegaram às universidades, transformam–se em trabalhadores graduados de variadas profissões<sup>xxxvii</sup>. Formaram–se doutores. Mariz<sup>96</sup> e

Valladares<sup>33</sup> chamam atenção para falta de estudos que reflitam sobre a mobilidade cultural na favela e a chegada de moradores às universidades. Essa mobilidade faz parte de uma das aproximações ou interações entre favela e (não)favela, saindo das temáticas negativas que as distanciam.

Assim, moradores de favela conquistaram também o direito de construir a sua própria imagem, para muito além do que conseguíamos ver. *“Eu não fico triste com nada. Sempre tô ‘se’ drogando. Não penso em nada.(...) Só alegria, enquanto tem dinheiro. Quando o dinheiro acaba, tem que roubar, tem que meter a ‘cara’ na pista. O ritmo é ‘chapa quente’(...)Se eu morrer, nasce outro que nem eu, ou pior, ou melhor. Se eu morrer, eu vou descansar.”* – disse um menino de 11 anos, um Falcão, em conversa com MVBill em rede aberta de televisão.

As histórias sobre a vida e a criminalidade na favela só chegaram à televisão em 2003, quando a TV Globo transmite a série Cidade dos Homens, inspirada no filme Cidade de Deus, que mostra o cotidiano de dois adolescentes na favela.

A proximidade com o mundo do tráfico só é tema das telenovelas brasileiras por iniciativa da Rede Record, com a novela Vidas Opostas, de Marçílio Moraes com direção de Alexandre Avancini, que foi ao ar a partir de 21 de novembro de 2006. Da história de amor entre o menino rico da cidade, Miguel, e a menina pobre da favela, Joana, saem outras pequenas tramas que apresentam a diversidade na favela e o universo dos marginais, retratando a vida nas cadeias, as gangues e as batalhas entre quadrilhas. A novela conquista o público do horário das 22hs e compete com a audiência da TV Globo. Na novela seguinte, a Globo transmite a trama Duas Caras, de Aguinaldo Silva, passando a exibir uma estética mais próxima à vida na favela em contraste com a vida na cidade.

As representações da favela no cinema vêm desde o Cinema Novo, na década de 1950. Os filmes Rio Zona Norte (1957) e Rio 40 graus<sup>xxxviii</sup> (1955), de Nelson Pereira dos Santos apresentam a vida na favela do Rio da época – menos violenta e mais lírica<sup>97</sup>. Apenas os filmes, que chegam a tela a partir dos anos 90, exploram as novas condições da favela com a entrada do tráfico. A proximidade com a questão da permanência das drogas e das armas distancia a vida na favela de sua imagem romântica. Entre os gêneros de documentário e ficção se destacam: Como Nascem os Anjos (1996) de Murilo Salles, Notícias de uma Guerra Particular (1999) de João Moreira Salles e Kátia Lund, Cidade de Deus (2002) de Fernando Meirelles, Tropa de Elite (2007) de José Padilha e Falcão – os meninos do tráfico (2006) e Falcão – as mulheres do tráfico (2007) de MV Bill e Celso Athayde.

As novas imagens trazidas por esses filmes não revelam o trabalhador, o universitário, os doutores, os políticos e os sambistas que moram na favela. Não é uma contradição e muito menos uma apologia a violência, pois trabalhadores, universitários, doutores, etc.<sup>xxxix</sup> não dilaceraram vidas, não desfizeram décadas de laços de amizade, não marcaram famílias. As expressões artísticas se movem pelo espanto e pelo incômodo que alimenta a alma e dá movimento a vida.

Os filmes trazem para o debate uma questão da cidade sem determinação espacial ou social, que é o crescimento da violência. “É através de imagens violentas que os novos marginalizados ferem e violentam o mundo que os rejeitou, é através das imagens que são demonizados pela mídia, mas também é pela imagem que se apropriam da mídia e de seus recursos – sedução, performance, espetáculo – para existirem socialmente”, afirma Bentes<sup>98</sup> (p.195).

A violência se apresenta imbuída de valores relacionados à corrupção, ao dinheiro fácil e a um modo de proceder socialmente afastado dos direitos e deveres da cidadania<sup>35</sup>. Tal modo não está só localizado na favela. A diferença é que cada um ou cada grupo – políticos, empresários, policiais, crianças e adolescentes – ou ainda cada parte da cidade – favela e (não)favela – briga com as armas que tem.

A análise dos telejornais mostra o quão distante o carioca – favelado e (não)favelado – está do ideal de cidadania, o local de moradia ainda pesa sobre a condição dos moradores das favelas e dos subúrbios<sup>99,31</sup>. “Trata-se da defasagem existente entre o olhar com que a cidade considera os favelados, entre as formas simbólicas pelas quais a identidade favelada é definida, que se tornaram relativamente anacrônicas, a realidade material e cultural da nova situação que vivem”<sup>53</sup>(p.63).

As representações de telenovelas, músicas, literatura, filmes e telejornais trazem diariamente o lugar simbólico do trabalhador, do negro e mulato, do pobre que se reconstrói a cada novo relato e a cada nova imagem. Depois das décadas de 1980 e 1990, estão imbricadas pela representação do imaginário social da criminalidade. No entanto, independente de quem a constrói, a imagem torna-se perversa na medida em que continua a ter um distanciamento possibilitado pela tela do cinema, do computador e da televisão; das páginas e mais páginas de livros, jornais e revistas.

As imagens e as falas que aparecem para descrever a favela e suas questões nos telejornais reforçam os estereótipos. Lá, na favela, está a área de risco que ameaça a vida na cidade, onde moram os pobres, que precisam de saúde e educação, que escondem os bandidos. Nesse sentido, a batida forte do funk, as palavras frenéticas do hip-hop, o gênero testemunhal da literatura e do cinema apontam para outras falas, nas

quais o vínculo não é a pobreza e muito menos uma construção socialmente aceita. Carregadas de ausência, a fala devolve a indiferença, o desejo de conquista de bens e prazer: o imediatismo, as drogas, as mulheres e a juventude.

Tais representações e rerepresentações não são assinadas e nem mesmo possuem direitos autorais a serem pagos. Não é o poder descomunal da mídia, não são os artistas ou intelectuais da e na favela, não é falta ou excesso de determinada educação, política ou ideologia. É uma questão comum a todos que para se transformar é preciso principalmente que haja uma mudança no modo de olhar e denominar.

A palavra ‘favela’ é carregada de significados: a violência, a desordem e as faltas dos serviços de educação, saúde, urbanização e segurança. Em seu artigo, Gilbert<sup>100</sup> fala do uso dos termos favelas ou *slums* em projetos políticos, que retrocedem a relação com a pobreza, a criminalidade e as doenças, territorializando os males do futuro da humanidade. Chama atenção, pois tais projetos podem justificar intervenções retrógradas nesses locais, como o uso da força para remoção dos habitantes.

Assim, permanece o jogo maquiavélico da política a cada nova eleição, a cada nova mudança de mandato de prefeitura, governador, etc. Políticos adentram esses espaços e distribuem sorrisos, abraços e palavras de promessas já conhecidas – mantidas como promessas.

A diferença entre os moradores de favela e (não)favela é tanto simbólica quanto material. Acreditar nas mudanças com argumentos políticos de prover serviços públicos só dá continuidade a esta lógica. Se os serviços de saúde e educação públicos servem à favela, mas quase nunca aos moradores de (não)favela que têm condições para pagar. Se qualquer coisa serve para favelado, para pobre ou para quem não consegue respostas efetivas na reivindicação dos seus direitos. Se o aumento de policiamento é o caminho pensado para se restabelecer a segurança pública e a ordem. Se a favela é pensada à parte. Então, o que se deseja é manter as coisas como estão.

---

<sup>xxxvi</sup> Em uma ida a um baile funk vi que meninos de mais ou menos 14 anos, na porta de entrada do ginásio armados com metralhadoras, gritavam “*Quem vai de preto? Quem vai de branco?*”, ao lado de dois sacos de lixo de 60 litros com papelotes de maconha e cocaína, respectivamente, ‘preto’ e ‘branco’.

<sup>xxxvii</sup> Sobre a trajetória de moradores de favela que chegaram à universidade, ver Silva<sup>95</sup>.

<sup>xxxviii</sup> Rio 40 graus é um outro apelido dado à cidade do Rio de Janeiro, relacionado ao calor e ao agito da cidade. Encontrado na canção, que tem o apelido como título, cantada por Fernanda Abreu, nas conversas cotidianas e na mídia.

<sup>xxxix</sup> Em uma pesquisa de imagens fotográficas em sites sobre o Rio, favela e projetos sociais não foram encontradas fotos de trabalhadores e nem de grupos de pessoas conversando. Em linhas gerais as fotos apresentam rodas de samba, crianças e jovens dançando ou praticando algum esporte e criminosos com armas ou drogas.

## Considerações finais

As infinitas possibilidades de representações do Rio de Janeiro através principalmente de imagens estão longe de serem apresentadas. A análise dos telejornais não seria diferente se fosse feita há dois meses, semana passada ou hoje, mas deve servir para fazer diferença em um futuro que se quer não muito distante.

Em textos falados e escritos e em imagens, os telejornais nos reapresentam os epítetos sob a forma de clichês: a ‘Cidade Partida’ que tem na favela, expressão espacial da divisão social do Rio de Janeiro. Lá estão a desordem, a falta de infra-estrutura, os pobres que são ‘tirados’ da criminalidade por projetos sociais; é de onde sai a violência que aterroriza favela e (não)favela. A ‘Cidade Maravilhosa’ apresentada pela simpatia do carioca expressa na felicidade do Carnaval, na torcida pelo time de futebol, a beleza unida por mar, montanha e céu. As Cidades Maravilhosa e Partida passam a organizar as relações dos indivíduos com a cidade e a orientar as condutas, permitindo a interiorização de experiências, práticas sociais e modelos de comportamento.

O que se vê e também o que se vive diariamente é tudo aquilo que há séculos nos preenche cotidianamente: o modo de ver e sentir; a palavra escrita e falada na conversa com amigos, familiares e profissionais; os filmes, as músicas, os poemas, os romances, as novelas, os trabalhos científicos e, principalmente, as imagens e os áudios escolhidos pelos telejornais que mostram o Rio.

A mudança não se faz abruptamente, pois é parte de uma construção chamada por Norbert Elias<sup>101</sup> de processo civilizador. Este não atinge com a mesma intensidade a todos, nem mesmo a torcedores de um mesmo time, a seguidores de uma mesma religião e tampouco a uma só família. É reinventado cotidianamente e passado através de gerações que aderem às novidades com diferentes intensidades. Iniciada na década de 1970 com os estudos que desconstruíram a marginalidade da favela, a transformação é conquistada passo a passo, mas precisa não retroceder.

Falar da violência, da política de salvação dos projetos sociais e da necessidade de urbanização da favela é antigo, não muda o que realmente é necessário, não é furo de reportagem, não mais provoca o debate, mas contraditoriamente está na televisão, nas páginas dos jornais e de revistas. Vende jornais, revistas e espaços publicitários e a velha imagem das representações do espaço urbano do Rio de Janeiro.

A diferença entre a favela e (não)favela não existe! Lá como aqui é possível perceber a desordem, a criminalidade, a distância da cidadania e a desobediência às leis: o jeito do carioca de viver abastecido pelas águas de um mesmo Rio.

A diferença entre a favela e (não)favela existe! É simbólica, financeira e relacional. Com jeito e bons contatos ou com dinheiro as necessidades de educação, atendimento médico, segurança privada, transporte e habitação são supridas.

As necessidades não saciadas viram notícia, a população toma conhecimento e o poder público intervém, pois passa a fazer parte da fala cotidiana e do interesse político de não ter sua imagem suja como negligente. No entanto, as soluções são pontuais. Em um círculo vicioso as notícias se refazem com poucas variações.

Nesse sentido, a temática da violência também mobiliza ações de políticos e policiais em confrontos com bandidos e da população de evitar o local violento, contratando seguranças, blindando carros, levantando muros e vigiando a vida com câmeras<sup>90</sup>.

A violência apresentada pelos telejornais vem da favela, porque lá estão os bandidos. Como em um jogo lógico: aconteceu um crime em área de favela ou (não)favela, noticia-se a procura dos bandidos na favela. Uma bala perdida tem como remetente a arma do bandido da favela. Com exceção de políticos e bandidos nenhuma outra atividade é relacionada territorialmente, com a diferença de que os últimos têm sentido de posse: o chefe do tráfico é o dono da favela.

Tratar bandido como chefe, dono, ou usar sua imagem é sustentar a manutenção dos poderes locais. Ele, a favela e toda a cidade têm acesso, principalmente, à televisão. Um ex-menino do tráfico<sup>x1</sup> disse que bandido adora ver seu nome na televisão, mesmo que diretamente chame a polícia à ação, comemora e fala que a ‘chapa vai esquentar’, mas ele vai mostrar quem é mesmo o dono da favela. Em diversas entrevistas na televisão em jornais, revistas e apresentações em palestra, Marina Maggessi<sup>54</sup>, chefe de inteligência da polícia do Rio, fala que crianças usam a imagem do bandido como eram usadas as de super-heróis, colam em armários e nas paredes como pôster.

Conscientemente ou não, o poder da mídia – o agendamento de questões a serem debatidas – é produzido através da transmissão da informação. E retorna ao telejornal quando esta – a mídia – conseguiu intervir para a solução dos problemas sociais. A teoria do “*agenda-setting*” foi elaborada por Maxwell McCombs<sup>102</sup> e reflete sobre a articulação da política e da justiça que motivadas por notícias e reportagem levam o acontecimento para o debate e geram ações a partir da sugestão dada pela mídia.

Nos 25 programas dos telejornais foi possível perceber explicitamente o agendamento quando a apresentadora do RJTV fala no dia 09 de março que Edna Silva, mãe de Alana Ezequiel morta três dias antes, janta com o secretário de Segurança do Estado. Nas reportagens tanto do RJTV-2<sup>a</sup> quanto do SBT Rio que noticiaram a morte

da menina, Edna Silva aparece gritando por sua filha em um choro desesperado, expresso por berros e por gestos do corpo. Além do jantar, o Secretário de Segurança do Estado, o Chefe da Polícia Civil e policiais participam das passeatas e missas relacionadas à morte de Alana Ezequiel.



Edna Silva, mãe de Alana. Foto: Marcos Tristão.

Uma outra maneira de reforçar o poder do telejornal, como mostra Silva<sup>103</sup>, acontece quando as decisões já estão planejadas pela administração pública, mas os telejornais são avisados e simulam a reportagem sobre um problema que está na iminência de ser solucionado. A administração pública e a concessionária do serviço ganham espaço publicitário na mídia que por sua vez ganha credibilidade da audiência.

A teoria do agendamento tem relação estreita com a construção da opinião pública. Uma série de estudos fala sobre o poder de influência das mídias. Mas talvez sejam necessárias pesquisas que acompanhem e atentem para a construção do agendamento, pois este ultrapassa a esfera do telejornal e atinge setores políticos, acadêmicos e culturais.

Na área da Saúde, vale lembrar da importância da participação da mídia e principalmente da televisão na campanha de prevenção da AIDS, como nos mostra Spink<sup>104</sup> em sua análise da AIDS-notícia, como também da contribuição no sucesso da vacinação, entre outros. Entretanto, não existe uma reflexão sobre os significados das representações dos serviços públicos<sup>xli</sup> de saúde e os estudos que analisam a relação Saúde Pública e Mídia ainda não entrevistaram sobre a construção da imagem de hospitais e postos de saúde.

A percepção do ‘agenda-setting’ nos telejornais é uma sugestão de pesquisa mais ampla que, na área da Saúde Pública, pode ajudar na compreensão dos valores

relacionados à saúde e aos serviços públicos e até mesmo monitorar o uso dos hospitais e postos de saúde em determinada região.

Em um estudo qualitativo com jovens de São Gonçalo e do município do Rio de Janeiro, Njaine<sup>105</sup> indica que o telejornal, no caso o Jornal Nacional, é visto como uma espécie de sinalizador para a prevenção aos riscos da violência e das doenças. A opinião dos jovens mostra como a mídia pode reorganizar o cotidiano e o espaço fisicotemporal a partir da veiculação de determinados problemas que constituem risco à vida e à saúde.

Contudo, é importante considerar que o que se produz nos telejornais não é uma opinião absorvida passivamente por telespectadores obedientes, mas a possibilidade e a sugestão para o debate e a manutenção de um argumento político. É um arranjo estratégico de uso do meio que deve ser pensado por todos que trabalham em projetos de políticas públicas na área de Saúde, Segurança, Educação ou Transporte.

A mídia televisiva, radiofônica ou impressa transmite conteúdo em imagens e palavras com significados comuns a telespectadores, ouvintes, leitores e produtores. Assim para que se mude a representação do Rio como ‘Cidade Partida’ e suas questões, a violência e a favela, precisam ser estudadas, medidas, articuladas como qualquer produto a ser vendido. Colocar as câmeras do lado de lá da favela com o objetivo de mostrar o outro lado, como fez MVBill com a transmissão de “Falcão – os meninos do tráfico” no Fantástico, pode levar à armadilha de reforçar os estigmas e de justificar o uso da força.

Como seria se a denominação favela não existisse? Seriam os bairros, que possuem favelas, a próxima instância de nomeação? Se a favela com f minúsculo, de substantivo comum, não é um território demarcado da cidade, então para que nomeá-lo? Tal diferenciação é percebida quando observa-se que o termo bairro – outra palavra que demarca a cidade territorialmente – é muito pouco utilizado em conversas cotidianas e na mídia.

Se não tivéssemos como denominar territorialmente a violência, que referência espacial teríamos? É possível pensar a cidade do Rio sem a favela? Para onde se apontariam as câmeras que apontam para as armas que apontam para os inimigos? Ao tirar o nome favela e seus correlatos, comunidade e morro, ficariam policiais, políticos e jornalistas perdidos, respectivamente, sem alvos, sem promessas e sem pautas?



Favela da Rocinha. Foto: Kita Pedrosa.

Os males da Caixa de Pandora assombram “*a cidade que um dia foi maravilhosa*”: a fome, a violência, a doença, a luxúria, a gula, o medo, a maldade... Para vê-los basta caminhar pelas ruas e perceber ao redor: o homem que corre para alcançar o ônibus e não perder o toque de recolher da favela onde mora, a senhora trancada com cadeados, fechaduras e santos que abençoam a porta da entrada da casa, o adolescente aproveita a idade com uso de drogas ilícitas, o manto azul escuro, a poluição que encobre as estrelas, a segurança privada de bares, boates e casas a olhar o caminhar lento do ponteiro luminoso do relógio, o homem à espera do sono sob o efeito de drogas lícitas, a criança que sonha o sonho de brincar e ser amada, as ruas e calçadas cheias do medo, o baile funk que não deixa a cidade dormir, o bebê que chora e a mãe que grita, a família deitada no banco público, os pais aos sobressaltos pelo retorno do filho, a névoa iluminada pelo poste, as árvores plantadas no cimento, o negro da noite, as luzes distantes a criar um chão de estrelas em um só Rio.

É nessa cidade única que a educação, a segurança, a saúde e o transporte sobrevivem ao déficit do suborno e da corrupção. Os serviços públicos, fornecidos pelo Estado ou Município, que deixam a desejar em quantidade e em alguns casos em qualidade, não são os únicos meios de fazer da favela parte da cidade. A construção histórica do modo de ver a favela é mais que física, é simbólica e emocional. Mudar é ver a favela como parte da cidade em si e não denominá-la. É pensar dois como um só

que abraça diferenças e semelhanças em uma condição humana. O futuro do Rio tem urgência de atitudes e pensamentos estratégicos.

No mito, Pandora fecha a caixa antes de sair a esperança. A mesma que nos faz acreditar na mudança e na melhora independente do compromisso de cada um. Nada irá se transformar, se não nos tornarmos individualmente responsáveis pelo destino da cidade.

---

<sup>xi</sup> O ex-menino virou boy de uma agência de comunicação. Em 2002, assistindo a um telejornal em horário de almoço, ele fez esse comentário, parte de minhas lembranças.

<sup>xii</sup> O DVD em anexo mostra uma reportagem do SBT Rio sobre a policlínica Piquet Carneiro.

## Referências Bibliográficas

1. Houaiss A, Villar, MdS. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
2. Gomes IMM. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 2007; 8.
3. Jensen KB. Making sense of the news. Towards a theory and an empirical model of reception for the study of mass communication. Aarhus/Denmark: Aarhus University Press; 1986.
4. França VRV. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: Pereira MG, Cordeiro R, Figueiredo VLFd. Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 2004.
5. Durkheim É. Sociologia e Filosofia. Rio de Janeiro: Forense; 1970.
6. Junqueira L. A noção de representação social na sociologia contemporânea. Estudos de Sociologia, Araraquara 2005; 18/19: 145-161.
7. Spink MJP. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cadernos de Saúde Pública 1993; 9 (n 3): 300-308.
8. Soares LE. Acaso e necessidade na ética do crime ou o uso da crítica literária na análise sociológica do discurso ordinário. In: Vaitsman J, Girardi S. A ciência e seus impasses: debates e tendências em filosofia, ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1999. p. 111-136.
9. Freyre G. Casa Grande & Senzala. São Paulo: Editora Linoart; 1975.
10. Freyre G. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio; 1968.
11. DaMatta R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.
12. DaMatta R. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
13. DaMatta R. Carnavais, malandros e heróis; para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.
14. DaMatta R. Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Rocco; 1993.
15. Holanda SBd. Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; 1994.
16. Carvalho JMd. "O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro." Revista Brasileira de Ciências Sociais[online] 1998; 13 (n. 38).

17. Carvalho JMd. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.
18. Gomes RC. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco; 1994.
19. Mendès JC. *La Ville Merveilleuse*. Paris: E. Sansot & Cie; 1913
20. Campos A, da Costa S. Dicionário de curiosidades do Rio de Janeiro. São Paulo: Comércio e Importação de Livros; 1965.
21. Neto C. Cidade Maravilhosa. São Paulo: Companhia Melhoramentos; 1933.
22. Costa H. 100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale; 2001.
23. Zaluar A, Alvito M(orgs.). Um século de Favela. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas; 1998.
24. Costallat B. A favela que eu vi. In: Costallat B Mistérios do Rio. Rio de Janeiro: H. Antunes; 1931.
25. Durkheim É. Da divisão do trabalho social. Durkheim - Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural; 1978.
26. Cardoso A, Peter E, Pero V. Segregação Urbana e Discriminação no Mercado de Trabalho: O Caso das Favelas do Rio. In: Desigualdades, segregação e políticas urbanas: Paris, Rio de Janeiro e São Paulo. Rio de Janeiro: CEENSP/Fiocruz; 2006.
27. Leite MP. O Rio de Janeiro em pauta, cidade e cidadania na imprensa carioca: o caso da Operação Rio. Cadernos de Antropologia e Imagem 1998; 6 (n 1): 103-121.
28. Najjar AL, Farias LO, Marques EC, Zackiewicz C. Desigualdades sociais no Município do Rio de Janeiro: uma comparação entre os censos 1991 e 1996. Cadernos de Saúde Pública 2002; 18: 89-102.
29. Najjar AL, Fégar S. Rio de Janeiro, a imagem da divisão social da cidade nas emissões televisivas da França. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais 2003; 5 (n 2): 57-74.
30. Preteceille E, Ribeiro LCdQ. Tendências da segregação social em metrópoles globais e desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos anos 80. Revista Brasileira de Ciências Sociais São Paulo 1999; 14 (n 40): 143-162.
31. Ribeiro LCdQ, Lago LCd. A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. São Paulo Perspectiva 2001; 15 (n1): 144-154.

32. Ribeiro LCdQ. Cidade desigual ou cidade partida? Tendências da metrópole do Rio de Janeiro. In: Ribeiro LCdQ. O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade. Rio de Janeiro: Revan & FASE; 2000. p. 63-98.
33. Valladares LdP. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2005.
34. Velho G, Alvito M (org). Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e Editora FGV; 2000.
35. Zaluar A. Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.
36. Ventura Z. Cidade Partida. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
37. Velho G. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1982.
38. Perlman JE. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977.
39. Silva LAMd. A Vida Política Na Favela. Cadernos Brasileiros 1967, 41: 35-47.
40. Velho G (coord.). O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus; 1980.
41. Valladares LdP. Habitação em questão. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1981.
42. Vetter DM. A segregação residencial da população economicamente ativa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, segundo grupos de rendimento mensal. Revista Brasileira de Geografia 1981; 43 (n 4): 587-603.
43. Lima MHB. Condições de habitação da população de baixa renda da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia 1981; 43 (n 4): 605-629.
44. Valladares LdP.. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: Boschi RR (org). Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ; 1991. p: 81-112
45. Silva LAMd. (org). Solo Urbano: Tópicos sobre o uso da terra. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1981.
46. Rezende V. Planejamento urbano e ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1982.
47. Guarany MBd, Souza VCMd. A preservação do patrimônio arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro relacionada à qualidade de vida e à organização do espaço urbano. Revista Internacional de Desastres Naturales, Accidentes e Infraestructura Civil 2001; 1 (n. 2): 175-188.

48. Goffman E. Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A.; 1988.
49. Wacquant LJD. Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto." *International Journal of Urban and Regional Research* 1997; 21 (n 2): p. 341-353.
50. Wacquant LJD. Que é gueto? - construindo um conceito sociológico. *Revista de Sociologia e Política* 2004; n 23: 155-164.
51. Waiselfisz JJ. Mapa da Violência 2006: os jovens do Brasil. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos; 2006.
52. Lima CA dC (coord.) et al. Violência faz mal a saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
53. Peralva A. Violência e democracia; o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra; 2000.
54. Ramos S, Paiva A. Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
55. Pino JC. Labor in the Favelas of Rio de Janeiro, 1940-1969. *Latin American Perspectives* 1998; 25 (n2).
56. Abreu MdA. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. *Espaços e Debates - Cidade Brasileira Século XX* 1994; 14,37: 34-46.
57. Abreu MdA. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Jorge Zahar; 1987.
58. Valladares LdP. A gênese da favela carioca. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 2000; 15 (n 44): p 5-34.
59. Abreu R. O livro que abalou o Brasil: a consagração de 'Os Sertões' na virada do século. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 1998; 5 (supl 0): 93-115.
60. Sodré NW. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: MAUAD; 1999.
61. Cunha, Ed. Os sertões : Campanha de Canudos. São Paulo: Ática; 2000.
62. O'Donnell, J. (2008). De olho na rua: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
63. Attwater D. Dicionário dos santos. São Paulo: Círculo do Livro; 1983:p.259/260.
64. Museu de Arte Moderna de São Paulo. O Humanismo Lírico de Guignard. São Paulo: MASP, 2000.

65. Azevedo A. O Cortiço. São Paulo: Ática; 2000.
66. Dalcastagne R. Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. Revista Brasileira de História 2001; 21 (n. 42): 483-494.
67. Pechman RM. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade. Cadernos IPPUR/UFRJ 1992; n 1: 77-88.
68. Prefeitura do Distrito Federal. Cidade do Rio de Janeiro: Remodelação Extensão e Embelezamento, 1926-1930. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
69. Valladares LdP. Passa-se uma casa. Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
70. Gondim LM. A Manipulação do estigma de favelado na política habitacional do Rio de Janeiro. Revista de Ciências Sociais 1982; 12/13(n.1/2): 27-44.
71. van Gennepe A. Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc. Petrópolis: Vozes; 1977.
72. Ferrara LdA. Ver a cidade. São Paulo: Nobel; 1988.
73. Minayo MCdS, Sanches O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Cadernos de Saúde Pública 1993; 9 (n 3): 237-248
74. Lage N. Ideologia e técnica da notícia. Petrópolis: Vozes; 1982.
75. Panico ACB. Julgamento do comportamento vocal de jornalistas em diferentes estilos de notícias e seus correlatos acústicos. [Tese de Doutorado]. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), USP; 2005.
76. Velho G (org). Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores; 2007.
77. Machado A. A televisão levada a sério. São Paulo: Editora Senac São Paulo; 2005.
78. Machado A, e Vélez ML. Questões metodológicas relacionadas com a análise de televisão. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 2007; 8.
79. Lima FBP. Nossas câmeras são os seus olhos. In: Lima, FB, Priolli, G, Machado A. Televisão & Vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
80. Souza TCCd. Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal. Ciberlegenda 1998; n 1. <http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm>.
81. Souza TCCd. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. Ciberlegenda 2001; n 6. <http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm>.

82. Joly M. Introdução à Análise da imagem. Campinas: Papirus; 2006.
83. Sodré M. A Máquina de Narciso; televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé; 1984.
84. Sodré M. O Monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes; 1984.
85. Heye AM, A Questão da Moradia numa Favela do Rio de Janeiro ou Como ter Anthropological Blues sem Sair de Casa. In: Velho G (coord.). O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus; 1980.
86. Martín-Barbero J. Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
87. Tilburg JLv. A Televisão e o mundo do trabalho: o poder de barganha do cidadão-telespectador. São Paulo: Ed. Paulinas; 1990.
88. Gomes TC. A cidade televisionada: um olhar sobre a relação entre o telejornal local, o telespectador e o Grande Rio. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 2007.
89. Arbex Júnior J. Showrnlismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela; 2001.
90. Caldeira TPdR. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/ Edusp; 2000.
91. Rocha A. Cidade Cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta. Rio de Janeiro, Museu da República, 2005.
92. Zaluar, A. À Guisa de Conclusão: Cidadãos não vão ao Paraíso. In: Zaluar, A. Cidadãos não vão ao Paraíso. São Paulo/Campinas: Editora Escuta; Editora da Universidade Estadual de Campinas; 1994.
93. Souza MJLd. O tráfico de drogas no Rio de Janeiro e seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento sócio-espacial. Cadernos IPPUR 1994; n 2/3: p. 25-39.
94. Rinaldi A d A, Marginais, delinqüentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro In: Zaluar A, Alvito M(orgs.). Um século de Favela. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas; 1998.
95. Silva JdS. Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

96. Mariz CL, Fernandes SRA e Batista R, Os universitários da favela. In: Zaluar A, Alvito M(orgs.). Um século de Favela. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas; 1998.
97. Leite MdSP. Vozes e imagens do morro: as favelas cariocas no cinema brasileiro. Cadernos de Antropologia e Imagem 2000; 11 (n2): p. 49-68.
98. Bentes I. O copyright da miséria e os discursos sobre a exclusão. Lugar Comum - Estudos de mídia, cultura e democracia 2002; 15/16: 85-95.
99. Pesavento SJ. Lugares Malditos: a cidade do 'outro' no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). Revista Brasileira de História 1999; 19 (n. 37).
100. Gilbert A. The Return of the Slum: Does Language Matter? International Journal of Urban and Regional Research 2007; 31 (n. 4): 697.
101. Elias N. O processo civilizador - uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994.
102. McCombs M, Shaw DL. The Agenda-Setting Function of Mass Media. The Public Opinion Quarterly 1972; 36 (i.2): 176-187.
103. Silva EdM. Telejornalismo e comunidade: o Bairro como Espaço de Cena e o Olhar Vigilante no SPTV 1a. edição. [Tese de doutorado] São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - Departamento de Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo; 2007.
104. Spink MJP, Medrado B, M VM. A construção da AIDS-notícia. Cadernos de Saúde Pública. 2001; 17 (n 4): 851-862.
105. Njaine K. Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia. Interface - Comunicação., Saúde, Educação 2006; 10 (n 20): 381-92.

## Anexo

<b>Programa / Data / Duração</b>	<b>Notícias/reportagens observados</b>	<b>Categorias correlacionadas</b>
<b>SBT Rio – SBT</b>	Chamadas	
15.02.2007 quinta-feira	Reportagem sobre o Complexo do Alemão.	favela – violência: em favela e (não)favela, desobediência a lei pelo poder público e desordem. Cidade Partida.
22 minutos	Reportagem sobre Comunidade Cesarão.	favela – infra-estrutura: doença e desordem. Intervenção entre comunidade e serviço público.
<b>RJTV – 2ª. Edição</b>	Chamadas	
24.03.2007 sábado	Reportagem sobre calor no outono.	(não)favela – infra-estrutura: sol e praia o ano todo. Cidade Maravilhosa.
12 minutos	Reportagem sobre as condições do Rio Carioca.	(não)favela – infra-estrutura: doença, desobediência a lei pelo poder público e desordem
	Reportagem sobre visita de governador às favelas da Colômbia.	favela – infra-estrutura: desordem urbana. Cidade Partida.
	Reportagem sobre desordem nas ciclovias e ruas do Rio.	(não)favela – infra-estrutura: desordem urbana.
	Notícia sobre menino que mata outro no shopping.	(não)favela – violência.
	Notícia de morte de traficante em troca tiros.	favela – violência: atinge também (não)favela
	Reportagem sobre projeto Jaime Aroxa.	favela – infra-estrutura: projeto social, a salvação para o tráfico.
<b>RJTV – 2ª. Edição</b>	Chamadas	
27.03.2007 terça-feira	Reportagem sobre vítima de bala perdida em Botafogo.	(não)favela – violência.
17 minutos	Reportagem sobre visita de governador à favela.	favela – violência.
	Reportagem sobre urbanização da Rocinha.	favela – infra-estrutura: desordem urbana.
	Reportagem sobre problemas em postos de saúde.	(não)favela – infra-estrutura: desordem urbana, serviços de postos de saúde.
	Notícia sobre outono com jeito de verão.	(não)favela – infra-estrutura: sol e praia o ano todo. Cidade Maravilhosa.
	Serie Rio Não Merece	(não)favela – infra-estrutura: desordem urbana.
	Reportagem sobre Manifestação pela Paz	(não)favela – violência: manifestação contra a violência.

**DVD com 3 Telejornais:  
1 SBT Rio e 2 RJTV - Segunda edição**

**TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO  
DE IMAGENS DO PROGRAMA SBT RIO.**

Eu, Aline Gama de Almeida, portador (a) do CPF nº 045477947-07 e identidade 10597875-3, DETRAN/RJ exp.:09/01/2006, na qualidade de pessoa física, domiciliado(a) à Rua Martins Pena, 47 AP 305 – Tijuca, Rio de Janeiro-RJ - CEP 20270-270 – Tel: 22347364 e Cel: 81857335, solicito ao SBT:

- a) Autorização para uso de imagens do SBT Rio, de 1.02.2007 a 01.04.2007, e reprodução do programa do dia 15.02.2007 em DVD adquiridas por gravação residencial, única e exclusivamente em:

Uma dissertação de mestrado com finalidade acadêmica, cujo título é *Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da ENSP como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Esta terá acesso público na biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ e no site da mesma (<http://www.fiocruz.br/bibensp/>) em formato pdf para acesso na busca de base de dados;

- b) Estar de acordo em mencionar o crédito ao SBT Rio, como também de seu apresentador Marcelo Castilho e repórteres, por ocasião da sua utilização na forma: "(data - SBT Rio)" ou "(nome – data – SBT Rio)"

- c) Assumir o compromisso de não utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação. Não repassar a reprodução cedida e não me responsabilizar pelo mau uso de terceiros;

Rio de Janeiro, 06 de JUNHO de 2008.

Aline Gama de Almeida  
ASSINATURA

Autorizado em 06 / 06 / 2008.

[Assinatura]  
RESPONSÁVEL PELO ACERVO



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S/A autoriza ALINE GAMA DE ALMEIDA a usar em DVD, as imagens exibidas no RJTV - 2ª edição, dos dias 24/03/2007 e 27/03/2007, como ilustração da dissertação de mestrado, intitulada "Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local" apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da ENSP como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Esta tese será arquivada, juntamente com o DVD, na Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública - FIOCRUZ, exclusivamente como pesquisa na base de dados da mesma. Não é permitido a cessão dessas imagens a terceiros, nem a utilização de montagens, reproduções ou alterações por qualquer meio ou processo, assim como a inclusão a qualquer publicidade que possa estar a elas relacionada.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 2008

Maria Alice Fontes  
Gerente de Operações do  
Centro de Documentação

DE ACORDO:

Aline Gama de Almeida

### Rede Globo

Rua Lúcio Costa, 303 Jardim Botânico  
22460-012 Rio de Janeiro RJ Brasil  
Tel.: 21 2542-2000 Fax: 21 2544-2542

Rua Jardim Botânico, 200 Jardim Botânico  
22461-000 Rio de Janeiro RJ Brasil

Estr. dos Bandeirantes, 6700 Jardim Botânico  
22783-112 Rio de Janeiro RJ Brasil  
Tel.: 21 2444-4000



#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

VIVA RIO, entidade civil sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 00.343.941/0001-28, com sede à Ladeira da Glória, 98, Glória, nesta cidade, por seu Diretor Executivo, RUBEM CÉSAR FERNANDES, brasileiro, casado, antropólogo, portador da identidade da S.S.P.-S.P nº 3447001 e do C.I.C/MF sob o nº 869.351.278-15, residente e domiciliado nesta cidade, neste ato representado por seu bastante procurador, CARMELO PEREIRA DA SILVA JUNIOR, brasileiro, casado, engenheiro, portador da identidade do CREA/RJ nº 41891 e do C.I.C/MF sob o nº 381.744.487-72, residente e domiciliado nesta cidade, com exclusividade, e em caráter gratuito, autoriza a **Aline Gama de Almeida**, portador(a) do CPF no. 045477947-07 e identidade 10597875-3, DETRAN-RJ exp.:09/01/2006, na qualidade de pessoa física, domiciliado(a) à Rua Martins Pena, 47 AP 305- Tijuca, Rio de Janeiro-RJ-CEP20270-270 – Tel: 2234-7364 e81857335, a fazer uso da imagem fotográfica da “Favela da Rocinha” de autoria de Kita Pedroza, realizada em 2001 na favela da Rocinha no Rio de Janeiro, em uma dissertação de mestrado com finalidade acadêmica, cujo título é *Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da ENSP como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública. Esta terá acesso público na biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ e no site da mesma (<http://www.fiocruz.br/bibensp>) em formato pdf para acesso na busca de base de dados.

Rio de Janeiro, 04 de junho de 2008

Walter Mesquita  
Coordenador de Edição Fotográfica  
Contato.: (21) 2555.3750 Ramal: 3263 | Celular: 82631538



E-Mail: [wmesquita@vivario.org.br](mailto:wmesquita@vivario.org.br) | [www.vivario.org.br](http://www.vivario.org.br)

Rua do Russel, 76 - Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil - cep 22210-010  
tel: 55 21 2555-3750 - fax: 55 21 2558-1381  
e-mail: [vivario@vivario.org.br](mailto:vivario@vivario.org.br)  
[www.vivario.org.br](http://www.vivario.org.br) / [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br) / [www.desarme.org](http://www.desarme.org)

### TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM.

Eu, **Aline Gama de Almeida**, portador (a) do CPF nº 045477947-07 e identidade 10597875-3, DETRAN/RJ exp.:09/01/2006, na qualidade de pessoa física, domiciliado(a) à **Rua Martins Pena, 47 AP 305 – Tijuca, Rio de Janeiro-RJ - CEP 20270-270 – Tel: 22347364 e Cel: 81857335**, solicito:

- a) Autorização para uso da fotografia de Edna Silva, de autoria do fotojornalista Marcos Tristão única e exclusivamente em:  
Uma dissertação de mestrado com finalidade acadêmica, cujo título é **Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local**, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da ENSP como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.  
Esta terá acesso público na biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ e no site da mesma (<http://www.fiocruz.br/bibensp/>) em formato pdf para acesso na busca de base de dados;
- b) Estar de acordo em mencionar o crédito ao fotojornalista por ocasião da sua utilização na forma: **"Edna Silva, mãe de Alana. Foto: Marcos Tristão."**
- c) Assumir o compromisso de não utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação. Não repassar a reprodução cedida e não me responsabilizar pelo mau uso de terceiros.

Imagem a ser reproduzida:



Edna Silva, mãe de Alana. Foto: Marcos Tristão.

Rio de Janeiro, 04 de junho de 2008

[Handwritten Signature]  
ASSINATURA

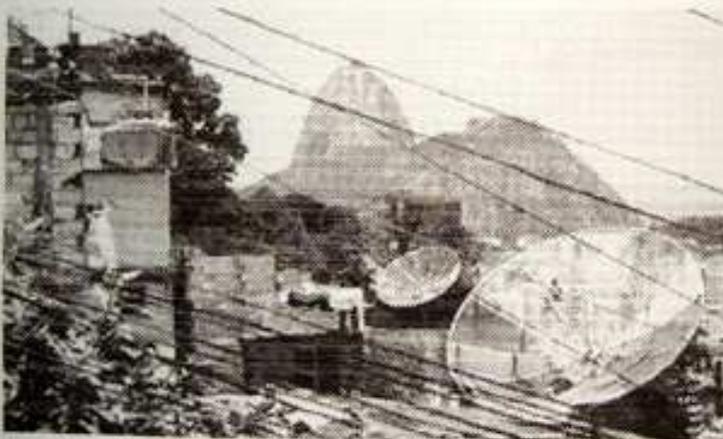
Autorizado em 04/06/2008

**TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM.**

Eu, Aline Gama de Almeida, portador (a) do CPF nº 045477947-07 e identidade 10597875-3, DETRAN/RJ exp.:09/01/2006, na qualidade de pessoa física, domiciliado(a) à Rua Martins Pena, 47 AP 305 – Tijuca, Rio de Janeiro-RJ - CEP 20270-270 – Tel: 22347364 e Cel: 81857335, solicito:

- a) Autorização para uso da fotografia de autoria do fotojornalista Eduardo Dias da Rocha única e exclusivamente em:  
Uma dissertação de mestrado com finalidade acadêmica, cujo título é *Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da ENSP como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.  
Esta terá acesso público na biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ e no site da mesma (<http://www.fiocruz.br/bibensp/>) em formato pdf para acesso na busca de base de dados;
- b) Estar de acordo em mencionar o crédito ao fotojornalista por ocasião da sua utilização na forma:  
**“Vista do Morro Santa Marta. Foto: Eduardo Dias da Rocha”**
- c) Assumir o compromisso de não utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação. Não repassar a reprodução cedida e não me responsabilizar pelo mau uso de terceiros;

Imagem a ser reproduzida:



Vista do Morro Santa Marta. Foto: Eduardo Dias da Rocha

Rio de Janeiro, 05 de JUNHO de 2008.

Aline Gama de Almeida  
ASSINATURA

Autorizado em 09 / 06 / 2008

Eduardo Dias da Rocha

FOTJORNALISTA

CPF: 403 731 857 72  
IDENTIDADE: 04822 724-3 55º-85

### TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM.

Eu, **Aline Gama de Almeida**, portador (a) do CPF nº 045477947-07 e identidade 10597875-3, DETRAN/RJ exp.:09/01/2006, na qualidade de pessoa física, domiciliado(a) à **Rua Martins Pena, 47 AP 305 – Tijuca, Rio de Janeiro-RJ - CEP 20270-270 – Tel: 22347364 e Cel: 81857335**, solicito:

- a) Autorização para uso da fotografia de autoria do fotojornalista Severino Silva única e exclusivamente em:  
Uma dissertação de mestrado com finalidade acadêmica, cujo título é **Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local**, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da ENSP como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.  
Esta terá acesso público na biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ e no site da mesma (<http://www.fiocruz.br/bibensp/>) em formato pdf para acesso na busca de base de dados.
- b) Estar de acordo em mencionar o crédito ao fotojornalista por ocasião da sua utilização na forma: **"Foto: Severino Silva"**
- c) Assumir o compromisso de não utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação. Não repassar a reprodução cedida e não me responsabilizar pelo mau uso de terceiros.

Imagem a ser reproduzida:



Foto: Severino Silva.

Rio de Janeiro, 21 de junho de 2010.

[Handwritten Signature]  
ASSINATURA

Autorizado em 01/10/10.



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA  
FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

**FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, com sede na Praça Pio X, nº. 7, 3º e 4º andares, Centro, Rio de Janeiro/RJ, inscrita no CNPJ sob o nº. 30.874.762/0001-88, a seguir denominada simplesmente **FUNARJ**, representada por seu Vice-Presidente **EMANUEL DE MELO VIEIRA**, consoante publicação no D.O. de 12 de maio de 2008, à fl. 02, e a delegação constante da Portaria FUNARJ Nº. 348, de 12.05.2008, publicada no D.O. de 30.05.2008, à fl. 20, de um lado, e, de outro lado, **ALINE GAMA DE ALMEIDA**, inscrita no CPF sob o nº 045.477.947/07, portadora da Carteira de Identidade RG 10597875-3 - DETRAN/RJ, domiciliada e residente nesta Cidade na Rua Martins Pena 47/305, Tijuca, Rio de Janeiro/RJ, doravante denominada **AUTORIZATÁRIA**, tendo em vista o constante no Processo Administrativo nº E-18/400.624/2008, convencionam elaborar este Termo, mediante as cláusulas e condições seguintes:

### CLÁUSULA PRIMEIRA

A **FUNARJ** autoriza o uso da imagem do quadro "MARTÍRIO DE SÃO SEBASTIÃO", de autoria de Alberto da Veiga Guinard, obra integrante do acervo do Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro, para ser utilizada única e exclusivamente em uma dissertação de mestrado de cunho acadêmico, cujo título é "Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local", apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – FIOCRUZ, como requisito para obtenção do título de Mestre em saúde pública pela **AUTORIZATÁRIA**.

**PARÁGRAFO ÚNICO** - A utilização da imagem a que se refere esta cláusula para fins de veiculação por meio da internet apenas será autorizada para formato de arquivo que impeça a realização de cópias da imagem por meio de download para computadores conectados ao respectivo endereço de internet.

### CLÁUSULA SEGUNDA

Fica expressamente vedada a cessão de uso a terceiros da imagem indicada na cláusula primeira.

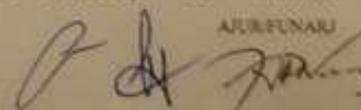
### CLÁUSULA TERCEIRA

Qualquer outra veiculação que não a mencionada neste instrumento, só poderá ser levada a cabo com prévio e exposto consentimento da **FUNARJ**.

### CLÁUSULA QUARTA

Quando efetivada a utilização de que trata este Termo, nessa deverão constar os créditos, segundo os padrões existentes no endereço de internet

PROCESSO Nº E-18/400.624/2008

  
AUXÍLIÁRIO



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA  
FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

<http://www.funarj.rj.gov.br>, aprovados pela ASCOM, Assessoria de Comunicação da FUNARJ, a saber:

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA  
FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ /  
MUSEU DE HISTÓRIA E ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**CLÁUSULA QUINTA**

Fica eleito o foro da Cidade do Rio de Janeiro para dirimir qualquer questão oriunda do presente Termo ou de sua execução, renunciando a **AUTORIZATÁRIA**, por si e seus sucessores, a qualquer outro foro que venha a ter, por mais privilegiado que seja.

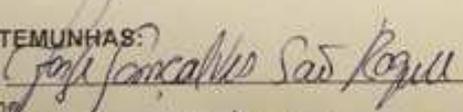
E por assim se acharem justas e contratadas, as partes firmam o presente contrato, em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença de 02 (duas) testemunhas instrumentárias, para que possam produzir seus efeitos legais.

Rio de Janeiro, 18 de JUNHO de 2008.

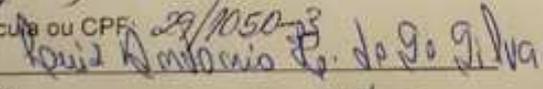
  
\_\_\_\_\_  
FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ

  
\_\_\_\_\_  
ALINE GAMA DE ALMEIDA

**TESTEMUNHAS:**

1)   
Nome: José Gonçalves dos Reis

Matrícula ou CPF: 29/1050-3

2)   
Nome: Luiz Ambrosio B. de S. Silva

Matrícula ou CPF: 837.316.247/53